



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

ALZIRA MARIA LIMA DA SILVA

**INSERÇÃO DA HISTÓRIA E CULTURA AFROBRASILEIRA E
AFRICANA NA MODALIDADE EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA**

**CAMPINA GRANDE-PB
DEZEMBRO/2014**

ALZIRA MARIA LIMA DA SILVA

**INSERÇÃO DA HISTÓRIA E CULTURA AFROBRASILEIRA E
AFRICANA NA MODALIDADE EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

ORIENTADORA: Profa. Dra. Cristiane Maria Nepomuceno

CAMPINA GRANDE-PB
DEZEMBRO/2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586i Silva, Alzira Maria Lima da
Inserção da história e cultura afrobrasileira e africana na
modalidade educação de jovens e adultos [manuscrito] : relato de
uma experiência / Alzira Maria Lima da Silva. - 2015.
101 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2015.
"Orientação: Profa. Dra. Cristiane Maria Nepomuceno,
Departamento de Educação".

1. Educação de Jovens e Adultos - EJA 2. Educação
Etnicorracial 3. Diversidade Cultural 4. Lei 10.639/03 I. Título.
21. ed. CDD 374

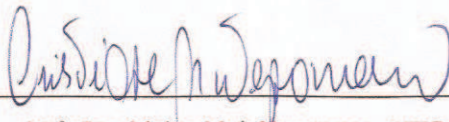
ALZIRA MARIA LIMA DA SILVA

**INSERÇÃO DA HISTÓRIA E CULTURA AFROBRASILEIRA E AFRICANA NA
MODALIDADE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: RELATO DE UMA
EXPERIÊNCIA**

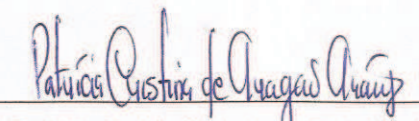
Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura Plena em Pedagogia da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do
grau de licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: 16/12/2014


BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Cristiane Maria Nepomuceno – UEPB (Orientadora)



Prof. Dra. Patricia Cristina de Aragão Araújo – UEPB (Examinadora)



Prof. Mestra Rozeane Albuquerque Lima – UEPB (Examinadora)

Veja a África no Brasil!

*Chegou-me inspiração
E se ninguém se opor
Decidi-me escrever
Sobre um povo de valor...
Um povo humilde... “valente”
Trabalhador consciente...
Um povo forte... de cor*

*O maxixe, ele dançava
O samba e a capoeira
Sem esquecer as origens
Nem sua terra primeira.
Ninguém se sentia só
Dançado seu Carimbó
Ou deitado numa esteira.*

*Esse povo lutador
Da África é oriundo
E tenho por esse povo
Um respeito mui profundo.
Pois, pela sua bravura
Por sua origem e cultura
É conhecido no mundo*

*Como uma força verdadeira
Esse povo resistia.
Em varias ocasiões
Tinha alguns que fugia
Mesmo aos “trancos e barrancos”
Criaram alguns quilombos
Esse povo conseguia*

*Os negros no mundo
É mais do que conhecida
Um povo trabalhador
Gente forte... Aguerriada
Povo que foi perseguido
Mas, não se deu por vencido
E perseverou na vida*

*Essa gente conseguia
Com sua comunidade
Viver de outra forma
Com suas atividades
Esse povo “batalhou”
Ate que a eles “chegou”
As novas realidades.*

*Pois essa gente aguerrida
Esse povo varonil
Foi trazido escravizado
Por gente perversa...vil
Para com sua mão
Trabalhar... dar produção
Às terras do Brasil*

*Com essa realidade
Findou esse tempo atroz
Em que o negro só via
Em cada branco, um algoz.
Se fez a primeira Lei
E agiu da mesma maneira
O Euzébio de Queiroz*

*Para enricar gente vil
Com a mão de obra escrava
Oprimido por um povo
Que a eles maltratava.
Mas essa gente de fé
Na sua religião
A sua força buscava*

*Fundou o tempo atroz...
Viva o povo varonil!
Os povos negros
Gente mais do quê gentil.
Se quiser sentir alegria
Venha pra nossa terra
E veja a África no Brasil.*

Poeta CÍCERO TAPEROÁ (2014, 65 anos, aluno da EJA)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me sustentado durante essa jornada com sua destra fiel, nos momentos bons e ruins da minha vida. Por permitir que eu possa realizar o sonho de poder concluir essa primeira etapa de minha carreira profissional, a graduação.

A minha mãe, por ser a guerreira que é e por ter me dado a única coisa que ela podia me dar de melhor: oportunidade de estudar, ter acesso ao conhecimento. Mesmo não tendo estudado muito, sempre acreditou que o conhecimento é para todos, que ele é o único que pode mudar a mentalidade e a vida do ser humano.

A meu filho, Everton Lima, por estar sempre ao meu lado e, apesar da sua pouca idade, ter entendido essa minha vida corrida.

A Cristiane Nepomuceno, por ter me acolhido no em seu grupo de pesquisa. Eu estava no primeiro período quando a conheci e nunca mais saí do seu lado. Sempre me apoiando e incentivando para que eu participasse dos eventos. Obrigada por você ter acreditado em mim. Saiba que me ensinou a ter orgulho de pertencer a esse povo e a defender a história e cultura africana e afrobrasileira por onde eu for.

À professora Margareth, que, com seu jeito calmo e humilde de ser, muito me ensinou.

À professora Rozeane, que, apesar de tê-la conhecido há pouco tempo, me fez ter prazer em estudar História. Também por seu apoio incondicional nos momentos em que dela precisei.

À professora Patrícia Cristina, com sua simplicidade e com seu jeito muito acolhedor de ser, sempre estimulando seus alunos a serem pesquisadores, produtores de conhecimento. Suas atitudes me ajudarão a seguir em frente sem passar por cima de ninguém.

À professora Socorro Montenegro, que, sem arrogância, vai além do que seu papel que a Academia determina, nos incentivando a produzir, a crescer.

A todos os professores que passaram por minha vida. Todos contribuíram significativamente para a minha formação.

A Elizabeth Velez, minha amiga de todas as horas. Por seu companheirismo, sempre me apoiado e incentivado durante todos os anos na Universidade.

A todas as minhas companheiras de curso. Em especial, Juliana Simplício, Ana Terra, Viviane e Catarina.

À professora e aos alunos da EJA da turma na qual apliquei o projeto de intervenção que originou esse TCC. Muito obrigada por terem me acolhido, participado e colaborado. Esse resultado só foi possível graças à ajuda de vocês.

RESUMO

Neste trabalho, apresentamos os resultados de um Projeto de Intervenção Pedagógica aplicado numa escola da rede municipal de Campina Grande-PB acerca das atividades desenvolvidas na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) a partir das determinações estabelecidas na Lei n. 10.639/03. O objetivo era observar como a inserção da temática História e Cultura afrobrasileira e Africana poderia contribuir para desconstrução dos estereótipos e preconceitos, possibilitando aos alunos da EJA desenvolverem um novo olhar em relação ao negro e sua história. Ao mesmo tempo, tinha o propósito de mostrar alternativas metodológicas para o processo de implementação da Lei n. 10.639/03 na modalidade EJA. Metodologicamente, o estudo é de natureza qualitativa, estruturado a partir da observação e de entrevistas. O estudo pode ser classificado como pesquisa-ação, haja vista procurar unir a prática ao desenvolvimento de conhecimento a partir da compreensão de uma dada realidade a fim de aprofundar conhecimento ou com o intuito de responder a perguntas específicas. Para subsidiar nossa pesquisa, utilizamos como aporte teórico vários estudiosos, dentre eles: Candau (2002); Munanga (1999); Mattos (2009); Moore (2008); Moreira & Candau (2007); Penha (2010); Sacristán (2001); Silva (2010); Freire (1985, 1996, 1995, 2005); Haddad (2002); Machado (2009); Sartori (2010); Soares (2002), entre outros. As fontes documentais também foram de fundamental importância. Lemos a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB/96), modificada pela Lei 10.639 em 09 de janeiro de 2003 e alterada para 11.645 em 28 de março de 2008, incluindo no currículo oficial da rede oficial de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura afrobrasileira e Indígena com intuito de formar sujeitos capazes de respeitar a diversidade cultural que compõe nosso país. Também se recorreu às Diretrizes Curriculares Nacionais para as Relações Étnico-Raciais (BRASIL, 2004) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1996), especialmente no tocante ao volume que discute a Pluralidade Cultural e as Diretrizes Curriculares Nacionais/Educação de Jovens e Adultos (BRASIL, 2002). A partir dos resultados obtidos, constatamos que a efetivação da Lei n. 10.639/03 nos sistemas educacionais não é algo tão simples, pois a desconstrução dessa visão de escola, de currículo e de educação acarreta conflitos e questionamentos. Também foi possível constatar que os alunos são facilmente atraídos pelo conteúdo sobre a história dos negros e da África à medida que ouvem uma história, um poema, uma canção, um texto informativo, a leitura de um livro. Demonstrem interesse e tentam compreender a temática, já que ela subsidiará a construção do seu próprio discurso, além de favorecer a percepção crítica do mundo em que vivem, a expressão das suas ideias e a defesa dos pontos de vista de cada um deles. A valorização da História e Cultura AFROBRASILEIRA e Africana é fundamental para a desconstrução da visão unificada, estereotipada e preconceituosa que se construiu desses povos ao longo da história brasileira e que insiste em se perpetuar até os dias atuais.

PALAVRAS-CHAVES: Educação de Jovens e Adultos. Educação étnico-racial. História e cultura afro-brasileira. Lei n. 10.639/03.

ABSTRACT

In this research, we present the results from an Educational Intervention Project applied to a municipal school at Campina Grande (Paraíba, Brazil) about the activities in Youth and Adult Education (YAE) mode according to the provisions set forth in Law no. 10.639/03. Our goal was to understand the inclusion consequences of the subject Afro-Brazilian and African History and Culture could help to deconstruct stereotypes and prejudices, enabling YEA students to develop a new look compared to black people and their history. Also, we were meant to show methodological alternatives for Law no. 10.639/03 implementation process in adult education mode. When it comes to methodological procedures, the study is a qualitative one, which is structured through observation and interviews. The study can be classified as an action research, because it intends to link practice to knowledge development based on some reality understanding in order to deepen knowledge or in order to answer specific questions. We were grounded in a great theoretical number of scholars to support our research, like Candau (2002); Munanga (1999); Mattos (2009); Moore (2008); Moreira & Candau (2007); Penha (2010); Sacristàn (2001); Silva (2010); Freire (1985, 1996, 1995, 2005); Haddad (2002); Machado (2009); Sartori (2010); Soares (2002), among others. Documentary sources were also greatly important. We read Law no. 9.394, from December 20, 1996, as amended by Law no. 10.639. from January 9, 2003 and changed to 11,645 on March 28, 2008, including official school system curriculum, which establishes Afro-Brazilian and Indigenous History and Culture as a mandatory theme, aiming to train individuals capable of respecting cultural diversity that makes up Brazil. We also appealed to the National Curriculum Guidelines for Racial-Ethnic Relations (BRAZIL, 2004) and National Curriculum Parameters (BRAZIL, 1996), especially as regards Cultural Plurality and National Curriculum Guidelines / Youth and Adult Education volume (BRAZIL, 2002). Results showed that Law no. 10.639/03 enforcement in education systems is not so simple, because the school's vision, curriculum and education deconstruction present conflicts and questions. It also appeared that students are easily attracted by the content on Africa and black people's history as they hear a story, a poem, a song, an informative text, by reading a book. They show interest and try to understand the issue, as it will subsidize their own discourse construction. Besides, this subject also favors world's critical perception, the students' ideas expression and defense of their points of view. Afro-Brazilian and African History and Culture is critical to deconstruct the unified, stereotypical and prejudiced opinion about black people along Brazilian history, which insists on perpetuating to the present day.

KEYWORDS: Youth and Adult Education. Ethnic-racial education. African-Brazilian history and culture. Law no. 10.639/03.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01	Aula expositiva sobre a presença dos negros no Brasil.....	47
FIGURA 02	Organização da turma na sala de aula <i>antes</i> da intervenção do projeto.....	81
FIGURA 03	Organização da turma na sala de aula <i>depois</i> da intervenção do projeto.....	81
FIGURA 04	Aula expositiva sobre o continente africano.....	82
FIGURA 05	Projeção do filme <i>Amistad</i>	83
FIGURA 06	Aula expositiva sobre a presença dos negros no Brasil.....	84
FIGURA 07	Acompanhamento individual e participação dos alunos no projeto de intervenção.....	85
FIGURA 08	Escrita de alguns alunos depois do estudo da história e da cultura da África.....	87
FIGURA 09	Desenhos de alguns alunos representando Zumbi dos Palmares.....	88

LISTA DE SIGLAS

AEE	Atendimento Educacional Especial
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEAA	Campanha de Educação de Adolescentes e de Adultos
CNER	Campanha Nacional de Educação Rural
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura afrobrasileira e Africana
EJA	Educação de Jovens e Adultos
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IES	Instituição de Ensino Superior
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MNEA	Mobilização Nacional de Erradicação do Analfabeto
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PPP	Projeto Político-Pedagógico
PROPESQ	Pró-Reitoria de Pesquisa
SECAD	Secretaria de Educação Continuada de Alfabetização e Diversidade
SEPPIR	Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República
SIREMA	Sistema Rádio Educativo Nacional
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1. BRASIL AFRICANO: OLHARES SOBRE A CULTURA AFROBRASILEIRA NA PERSPECTIVA DA LEI N. 10.639/03.....	17
1.1 Educar para a diversidade.....	20
1.2 Um olhar para as questões étnico-raciais na Educação de Jovens e Adultos.....	22
1.3 Breve histórico sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil.....	26
1.4 Funções e formação dos docentes na modalidade de Educação de Jovens e Adultos.....	28
2. A INSERÇÃO DO CONTEÚDO DE HISTÓRIA E CULTURA AFROBRASILEIRA E AFRICANA NA MODALIDADE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA.....	31
2.1 O percurso metodológico.....	31
2.2 O <i>lócus</i> da pesquisa.....	33
2.2.1 A turma.....	34
2.2.2 A professora.....	35
2.3 O projeto de intervenção: relatando a experiência.....	37
2.4 Analisando os resultados.....	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS.....	64
APÊNDICES.....	68
ANEXOS.....	86

INTRODUÇÃO

“Mudar mentalidades, superar o preconceito e combater atitudes discriminatórias são finalidades que envolvem lidar com valores de reconhecimento e respeito mútuo, o que é tarefa para a sociedade como um todo. A escola tem um papel crucial a desempenhar nesse processo. Em primeiro lugar, porque é o espaço em que pode se dar a convivência entre crianças de origens e nível socioeconômico diferentes, com costumes e dogmas religiosos diferentes daqueles que cada uma conhece, com visões de mundo diversas daquela que compartilha em família. Em segundo, porque é um dos lugares onde são ensinadas as regras do espaço público para o convívio democrático com a diferença”.

PCN Pluralidade Cultural (BRASIL, 1997, p. 21).

O presente trabalho apresenta os resultados de uma ação de “Intervenção Pedagógica” vivenciada em uma escola da rede municipal de ensino em Campina Grande/PB com uma turma do Fundamental I – Ciclo II da Educação de Jovens e Adultos – EJA, cujo objetivo maior era observar como a inserção da temática História e Cultura afrobrasileira e Africana poderia contribuir para a desconstrução de estereótipos e preconceitos, possibilitando aos alunos da EJA desenvolverem um novo olhar em relação ao negro e sua história. Ao mesmo tempo, tinha o propósito de mostrar alternativas metodológicas para o processo de implementação da Lei n. 10.639/03 na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) no II Ciclo.

A escolha pela temática História e Cultura afrobrasileira e Africana se deu orientada por vários motivos. A princípio, em decorrência da participação em um grupo de estudos sobre a questão da etnicidade afro-brasileira, que possibilitou nossa inserção em um projeto de pesquisa¹ coordenado pelas professoras Cristiane Nepomuceno e Patrícia Aragão.

Posteriormente, o ingresso no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID² como aluna-bolsista possibilitou entrar em contato com a realidade das escolas de periferia e, em especial, com a realidade da modalidade EJA. A partir das atividades

¹A referida pesquisa, intitulada: *Africanidades e Afrobrasilidades na Lei 10.639/03 - Um olhar para as instituições públicas de ensino de Campina Grande-PB: Currículo, prática pedagógica e formação docente*, está em andamento. É financiada pelo Programa de Pesquisa da Universidade Estadual da Paraíba (PROPESQ) e pelo Programa Nacional de Financiamento de Iniciação à Pesquisa, PIBIC.

² O PIBID é um Programa fomentado pela CAPES que visa a incentivar o exercício da docência na Educação Básica, oportunizando acadêmicos dos cursos de licenciatura de Instituições de Ensino Superior (IES) o contato direto com a profissão docente. A atual cota teve início no primeiro semestre letivo de 2014, sendo 20 (vinte) bolsistas do curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB e 04 (quatro) professoras/supervisoras vinculadas a escolas da rede municipal e estadual de Campina Grande/PB.

programadas para as alunas-bolsistas vinculadas ao PIBID, surgiu a ideia de “aliar” os interesses da pesquisa às atividades do estágio docência. E, mais ainda, na condição de pré-concluinte do curso de Pedagogia, resolvemos tomar a aplicação projeto de intervenção pedagógica como tema para a elaboração de nosso trabalho de conclusão de curso.

À medida que realizávamos a “observação” do cotidiano da escola campo do estágio e das conversas com a professora titular da turma observada (também supervisora do PIBID na escola), fomos percebendo a lacuna em relação ao conteúdo de História e Cultura afrobrasileira e Africana. A decisão foi tomada com o advento das entrevistas realizadas com os 25 (vinte e cinco) alunos da referida turma de EJA, a partir das quais constatamos a necessidade da inserção do conteúdo supracitado, tendo em vista que tais alunos, praticamente todos negros, negam a sua pertença étnica.

Desse modo, nosso projeto de intervenção foi estruturado de modo a oferecer um conteúdo que permitisse aos alunos conhecer e valorizar a história e a herança cultural africana, possibilitando respeitar as diferenças e combater a discriminação e o preconceito racial, com vistas a contribuir para a desconstrução de uma visão negativa dos negros.

Para subsidiar nossa pesquisa, utilizamos como aporte teórico vários estudiosos, dentre eles: Candau (2002); Munanga (1999); Mattos (2009); Moore (2008), Moreira & Candau (2007); Penha (2010); Sacristàn (2001); Silva (2010); Freire (1985, 1996, 1995, 2005) Haddad (2002); Machado (2009); Sartori (2010); Soares (2002), dentre outros. As fontes documentais também foram de fundamental importância. Lemos a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB/96), modificada pela Lei n. 10.639 em 09 de janeiro de 2003 e alterada para 11.645 em 28 de março de 2008, incluindo no currículo oficial da rede oficial de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura afrobrasileira e Indígena com o intuito de formar sujeitos capazes de respeitar a diversidade cultural que compõe nosso país. Também recorremos às Diretrizes Curriculares Nacionais para as Relações Étnico-Raciais (BRASIL, 2004) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1996), especialmente o volume que discute a Pluralidade Cultural e as Diretrizes Curriculares Nacionais/Educação de Jovens e Adultos (BRASIL, 2002).

A metodologia utilizada em nossa pesquisa foi de natureza qualitativa. A observação forneceu o “norte” para a intervenção desenvolvida entre os meses de julho e outubro de 2014. A partir da aplicação do projeto de intervenção, amparada na revisão bibliográfica e documental, colocamos em andamento a nossa pesquisa classificada como do tipo pesquisa-ação, pois, como asseveram Moreira & Caleffé (2008, p. 89-90), “[...] a Pesquisa-Ação é uma

intervenção em uma pequena escala no mundo real e um exame muito de perto dos efeitos dessa intervenção”.

O trabalho ficou estruturado em 02 (dois) capítulos. No primeiro capítulo, realizamos uma discussão com respaldo teórico e documental que trata da importância da Lei n. 10.639, sancionada em 09 de janeiro de 2003, que alterou a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, a qual estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), incluindo no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática da história e cultura AFROBRASILEIRA e africana. Nesse mesmo capítulo, elaboramos um diálogo voltado para as questões étnico-raciais na Educação de Jovens e Adultos para a valorização e reconhecimento da diversidade presente em nosso país.

No segundo capítulo, intitulado “A inserção do conteúdo de História e Cultura afrobrasileira e Africana na modalidade Educação de Jovens e Adultos: relato de uma experiência”, apresentaremos os resultados da intervenção realizada em uma escola municipal de Campina Grande-PB e mostraremos alternativas metodológicas para o processo de implementação da Lei n. 10.639/03 na modalidade EJA em nível de Ensino Fundamental I. Portanto, esse capítulo traz o percurso metodológico da pesquisa, iniciando com a tipificação, que é de natureza qualitativa, configurando-se como pesquisa-ação; o lócus da pesquisa, a turma na qual o projeto foi colocado em prática, a participação e o perfil da professora titular da turma, além do projeto de intervenção e da análise dos dados, trazendo os resultados, obstáculos encontrados e pontos positivos alcançados.

Com os resultados desse estudo, esperamos valorizar a identidade dos diversos grupos étnicos, vincular o conhecimento escolar às vivências cotidianas dos alunos, bem como que esse trabalho possa contribuir para a melhoria da prática pedagógica, sendo capaz de provocar inquietações nos professores para que, a cada dia, busquem autonomia e criticidade para trabalhar a temática e apontar os erros e lacunas existentes no material didático, nas metodologias e nas práticas escolares. Pois acreditamos em uma prática educativa que possa viabilizar a construção de uma sociedade cujo padrão de relacionamento humano seja baseado no respeito, no reconhecimento e no combate à discriminação étnico-racial.

CAPÍTULO I

1. BRASIL AFRICANO: OLHARES SOBRE A CULTURA AFROBRASILEIRA NA PERSPECTIVA DA LEI N. 10.639/03

“A diversidade cultural tem marcado a história da humanidade e manifesta-se com traços muito fortes em nós. A cultura constitui dinamicamente a identidade dos povos e por isso é mantido com zelo por eles. No trabalho com alunos jovens e adultos esse ponto precisa ser tratado com especial atenção³. A constituição da identidade nacional, algo construído cotidianamente, não pode ocorrer á custa de eliminação das marcas de qualquer dos povos ou grupos que compõe a sociedade brasileira”.

BRASIL (2001, p.188).

A educação constitui-se um dos princípios ativos e mecanismos de transformação de um povo. Portanto, é papel da escola trabalhar conteúdos que possibilitem a formação de sujeitos críticos e conscientes do seu lugar social. No caso do Brasil, em se tratando de uma nação multiétnica, colocar em prática uma proposta de educação centrada na temática étnico-racial é de fundamental importância, tanto para a formação da consciência política e histórica da diversidade como para o fortalecimento de identidades e de direitos.

A Lei n. 10.639, sancionada em 09 de janeiro de 2003, alterou a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), incluindo no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática da História e Cultura Afrobrasileira e Africana. Esta medida, fruto da conquista histórica dos movimentos sociais negros, representa um divisor de águas na luta pelo reconhecimento e valorização da matriz africana para a formação da sociedade brasileira. A inserção da referida temática em muito contribuirá para que possamos desconstruir a visão negativa e estereotipada em relação aos negros. Ao mesmo tempo, esperamos conseguir formar cidadãos críticos, cientes de sua pertença multicultural e aptos ao enfrentamento do racismo, pois, como se sabe, mesmo após a abolição, os negros continuaram submissos e excluídos da sociedade.

As determinações estabelecidas a partir da Lei n. 10.639/03 visam a romper com essas construções negativas em torno dos negros e (re) afirmar a história e acultura dos povos africanos e dos seus descendentes a partir de outro ponto de vista, diferente da visão

³ Grifo nosso.

eurocêntrica. Ao introduzir a discussão sistemática em torno da temática da História e Cultura afrobrasileira e Africana nas práticas educativas, a escola estará contribuindo para a disseminação do respeito e para o reconhecimento da diversidade étnico-racial presente em nossa sociedade, favorecendo novas concepções da história e cultura da população negra.

Para que a Lei n.10.639/03 se concretize, uma série de mudanças precisa ser posta em prática, principalmente em relação à adoção de uma postura de comprometimento por parte do professor, do aluno e de toda a comunidade. No caso do professor, além da formação adequada, o uso das competências e habilidades adquiridas ao longo da experiência em sala de aula, associada a uma prática pedagógica acolhedora, são requisitos fundamentais para a introdução da temática no contexto escolar. Assim, será possível trabalhar a temática de forma interessante para o aluno, o que possivelmente viabilizaria uma aprendizagem significativa, importante instrumento para a transformação de uma sociedade formada com base na injustiça.

A ideia é que presença da temática da História e Cultura Afrobrasileira na escola ajude os cidadãos brasileiros a se libertarem das “correntes” que ainda lhes prendem, pois à medida que passem a conhecer sua verdadeira história, passam a lutar contra um modelo de sociedade cuja cultura dominante e orienta pelo modelo do único (eurocêntrico) ao qual todos precisam se adequar, pois quem com ele não comunga é estereotipado e marginalizado, a exemplo do que aconteceu aos nossos negros. Como consta nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana (DCN),

A educação constitui-se um dos principais ativos e mecanismos de transformação de um povo e é papel da escola, de forma democrática e comprometida com a promoção do ser humano na sua integralidade, estimular a formação de valores, hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças e as características próprias de grupos e minorias. Assim, a educação é essencial no processo de formação de qualquer sociedade e abre caminhos para a ampliação da cidadania de um povo (BRASIL, 2004, p. 07).

A Lei n. 10.639/03, quando trabalhada nas escolas de forma significativa, tem o intuito de formar sujeitos capazes de reconhecer a legitimidade do direito do outro. É uma proposta educativa que ultrapassa as fronteiras do mero respeito à diversidade; é a implementação de uma proposta para além das mudanças curriculares. Estamos tratando da

reeducação dos valores e da busca pela eliminação de todas as formas de discriminação, preconceito e redução das desigualdades sociais.

A partir do momento em que abordamos a presença africana no Brasil, os alunos perceberão a influência dos africanos em nosso cotidiano, para além do campo da alimentação, indumentária, moradia, linguagem, dança, música, posto que esta influência também se deu também se verifica nas crenças, valores e visão de mundo ainda hoje presentes em nossas vidas, mesmo que venham a passar despercebidos por falta de conhecimento. É neste sentido que a escola contribuirá: ajudando a recontar a história da sociedade brasileira, atribuindo a cada um dos povos que participaram desse processo o seu verdadeiro valor.

As práticas discriminatórias ainda são muito comuns nos espaços escolares com pessoas negras. A forma como a nossa história foi contada contribuiu para a desvalorização de sua beleza, das suas práticas culturais, fazendo assim com que as crianças desde cedo rejeitem o vínculo com esse povo. Muitas vezes, elas buscam, por exemplo, enquadrar-se no padrão estético ditado pela sociedade dominante, copiado do modelo europeu. Desse modo, ainda hoje aqueles que não se encaixam no modelo instituído são discriminados, desvalorizados e até excluídos. Conforme pontua Silva (2010, p. 42),

Os cabelos crespos das crianças são identificados como “ruim” primeiro pelas mães, que aprenderam a ver os cabelos lisos e ondulados representados como “bom” e depois pela própria criança, que na escola sofre com os coleguinhas que põem os mais variados apelidos nos seus cabelos crespos.

A escola tem papel importante a cumprir nesse debate. Uma das formas de interferir pedagogicamente na construção de uma sociedade que se reconheça como plena de diversidade é saber mais sobre a história e a cultura africana e afro-brasileira. Esse entendimento poderá nos auxiliar a superar opiniões preconceituosas sobre os negros, a África, a discriminação racial e a implementar ações afirmativas. Todavia, após 10 anos da aprovação da Lei n. 10.639/03, ainda existem professores que não trabalham a temática da História e Cultura Afrobrasileira e Africana, principalmente por não a conhecerem. Apenas mediante o conhecimento da temática é que o professor poderá transformar a realidade e ajudar a formar cidadãos críticos, capazes de compreender que vivemos em uma sociedade multifacetada. Assim, é necessário que o governo proporcione cursos de capacitação para os docentes que não tiveram esse conhecimento nas universidades.

1.1 Educar para a diversidade

Desde o Brasil Colônia até os dias atuais, o nosso país sempre teve uma postura racista e preconceituosa para com os negros. Nesse sentido, a Lei n. 10.639/03, que instituiu a obrigatoriedade do ensino da história da África e dos africanos no currículo escolar do ensino fundamental e médio, é uma conquista das lutas desses povos que tanto contribuíram no âmbito nacional, tanto com sua força de trabalho, como com sua cultura, ambas presentes em nossa sociedade. Por isso, as

[...] políticas de reparações voltadas para a educação dos negros devem oferecer garantias a essa população de ingresso, permanência e sucesso na educação escolar de valorização do patrimônio histórico-cultural afro-brasileiro, de aquisição das competências e dos conhecimentos tidos como indispensáveis para continuidade nos estudos, de condições para alcançar todos os requisitos tendo em vista a conclusão de cada um dos níveis de ensino, bem como para atuar como cidadãos responsáveis e participantes, além de desempenharem com qualificação uma profissão (BRASIL, 2004, p.11).

Nesse diapasão, as políticas de reparação, de reconhecimento e valorização de ações afirmativas voltadas para a educação dos negros visam a promover a igualdade social e racial. Porque mesmo quando os negros tiveram o direito de estudar, o sistema educacional sempre desenvolveu estratégias⁴ para que eles não conseguissem permanecer no ambiente escolar e, aos poucos, fossem excluídos da instituição, e assim dos melhores empregos e das melhores posições perante a sociedade. Hoje, são poucos os negros que ocupam as mesmas posições que os brancos. Isso não acontece por falta de competência, mas porque deles foi usurpado o direito de igualdade social desde o Brasil Colônia, situação que se perpetua até os dias atuais.

Ao longo dos séculos, no Brasil, desenvolveu-se uma sociedade desigual e injusta, na qual os negros tiveram seus direitos negados, do mesmo modo que o foi a sua contribuição para a construção do nosso país. Destarte, o legado negro foi praticamente apagado da história

⁴“O Brasil, Colônia, Império e República teve, historicamente, no aspecto legal, uma postura ativa e permissiva diante da discriminação e do racismo que atinge a população afrodescendente brasileira até hoje. O Decreto n. 1.331, de 17 de fevereiro de 1854, estabelecia que nas escolas públicas do país não seriam admitidos escravos, e a previsão de instrução para adultos negros dependia da disponibilidade de professores. [...] O Decreto n. 7.031-A, de 6 de setembro de 1878, estabelecia que os negros só podiam estudar no período noturno e diversas estratégias foram montadas no sentido de impedir o acesso pleno dessa população aos bancos escolares”. Conferir a Apresentação do SEPIR para as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2004, p. 07).

nacional. A Lei n. 10.639/03 visa a reparar esses danos causados ao longo do tempo, de modo a subsidiar a superação de opiniões preconceituosas sobre os negros e a África.

Ao introduzir a discussão sistemática da temática diversidade cultural nas escolas, estaremos contribuindo para o respeito e o reconhecimento à diversidade étnico-racial presente em nossa sociedade, favorecendo novas concepções, novas formas de pensar a história e cultura da população negra, as diferenças culturais, sociais, de crenças, de gênero, de etnia, de raça. Ajudar nossos alunos a entender e valorizar cada cultura que se encontra presente em um mesmo espaço, nesse caso, na escola, não é nada fácil, mas tem de ser feito.

Quando a diversidade cultural é trabalhada desde cedo nas escolas, podemos mostrar para os alunos que vivemos em uma sociedade diversa, na qual aprenderemos a viver com todas as pessoas que a compõem. Nessa perspectiva, afirma Gimeno Sacristán:

A diversidade na educação é ambivalência, porque é desafio a satisfazer, realidade com a qual devemos contar e problema para o qual há respostas contrapostas. É uma chamada a respeitar a condição da realidade humana e da cultura, forma parte de um programa defendido pela cultura democrática, é uma pretensão das políticas de inclusão social e se opõe ao domínio da totalidade únicas do pensamento moderno. Uma das aspirações básicas do programa pró-diversidade nasce da rebelião ou da resistência às tendências homogeneizadoras provocadas pelas instituições modernas regidas pela pulsão de estender um projeto com fins de universidades que, ao mesmo tempo, tende a provocar a submissão do que é diverso e continuo “normalizando-o” e distribuindo em categorias próprias de algum tipo de classificação. Ordem e caos, unidade e diferença, inclusão e exclusão em educação são condições contraditórias da educação moderna. [...] E, se a ordem é o que mais nos ocupa, a ambivalência é o que mais nos preocupa. A modernidade abordou a diversidade de duas formas básica: assimilando tudo que é diferente a padrão unitário ou ‘segregando-o’ em categorias fora da “normalidade” dominante (SACRISTÁN, 2001, p. 123-124).

Para Moreira & Candau (2007), a união de um currículo voltado para a diversidade cultural com a família, bem como outras instituições formam sujeitos mais críticos, os quais podem subsidiar o processo de desconstrução do modelo estereotipado construído ao longo do tempo. Reconhecer, respeitar e valorizar a diversidade a fim de instrumentalizar-se e posicionar-se contra qualquer forma de discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de gênero, de etnia, de raça, de anatomia, de geração ou de outras características individuais e sociais é dever de todos que vivem na sociedade brasileira.

Insistimos, inicialmente, na necessidade de uma postura, por parte do professor e dos gestores, no esforço por construir currículos culturalmente

orientados. Propomos, a seguir, que reescrevam os conhecimentos escolares, que evidencie a ancoragem social desses conhecimentos, bem como se transforme a escola e o currículo em espaços de críticas cultural, de diálogo e de desenvolvimento de pesquisas. Esperamos que em nossos princípios possam nortear a escolha de novos conteúdos, a adoção de novos procedimentos e o estabelecimento de novas relações na escola e na sala de aula (MOREIRA & CANDAU, 2007, p. 31).

As escolas, muitas vezes, servem para classificar os sujeitos como capazes ou incapazes. Todavia, uma escola onde há o cruzamento de diferentes culturas, como se dá em nosso país, deve trabalhar para que os nossos alunos tornem-se conscientes de que somos heterogêneos e de que o Brasil tem uma base multicultural. Tal realidade também está presente na escola; hoje somos chamados a respeitar a condição da realidade e a cultura de cada um que faz parte da sociedade.

A escola com frequência anula as diferenças, padroniza os alunos e, assim, vem a excluir quem não se adequa ao seu padrão. Um dos grandes desafios da escola de hoje é incluir a diversidade no currículo, nas práticas - sempre levando em conta a pluralidade das culturas e as interações humanas. Esta proposta se aplica a todos os níveis educacionais, mas, no tocante à modalidade de Educação de Jovens e Adultos – EJA, voltada para atender a um público fruto de um modelo de sociedade excludente por meio da educação inclusiva, com ênfase na proposta étnico-racial, ganha um papel fundamental.

1.2 Um olhar para as questões étnico-raciais na Educação de Jovens e Adultos

“[...] cremos que a educação é capaz de oferecer tanto aos jovens como aos adultos a possibilidade de questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade entre grupos humanos que foram introjetados neles pela cultura racista na qual foram socializados”.

K. MULANGA (1999)

O Brasil abriga 36 milhões de crianças no Ensino Fundamental, mas o quadro socioeconômico e o modelo educacional continuam a produzir excluídos dos Ensinos Fundamental e Médio. O quadro vem se agravando à medida que produz adolescentes, jovens e adultos sem a escolaridade obrigatória completa e que precisam se inserir em um modelo de sociedade eminentemente letrada. Nosso país exibe um número enorme de pessoas analfabetas apesar de marcantes diferenças regionais e setoriais. A existência de pessoas que

não sabem ler ou escrever por falta de condições de acesso ao processo de escolarização deve ser motivo de autocritica de modo constante e severo.

Segundo as estatísticas oficiais, o maior número de analfabetos se constitui de pessoas com mais idade, em regiões pobres, interioranas, nas quais avultam taxas que atingem mais os grupos afro-brasileiros. A modalidade de Educação de Jovens e Adultos representa a tentativa de quitar uma dívida social para com os que não tiveram acesso à escrita e à leitura como bens sociais, na escola ou fora dela, e tenham sido a força de trabalho empregada na constituição de riquezas e na elevação de obras públicas.

Pesquisas recentes apontam, ainda, que jovens negros são maioria entre os desempregados, demandando maior atenção para a escolarização dessa população e uma formação mais adequada para sua inserção profissional. Os resultados do Censo 2008 indicam a matrícula de 4,9 milhões na modalidade EJA, sendo 3,3 milhões no ensino fundamental e 1,6 milhões no médio. Esse número é muito inferior ao necessário para cumprimento do preceito constitucional que estabelece o ensino fundamental como obrigatório – temos 65 milhões de jovens e adultos sem os 8 anos de escolaridade (BRASIL, 2012, p. 51).

Tal dívida se deve ao caráter subalterno atribuído pelas elites dirigentes à educação escolar de negros escravizados, índios reduzidos, caboclos migrantes e trabalhadores braçais, entre outros. Impedidos da plena cidadania, os descendentes destes grupos ainda hoje sofrem as consequências desta realidade histórica.

Dados os motivos citados nos parágrafos acima, a temática História e Cultura Afrobrasileira e Africana deve alcançar os sujeitos que participarem da modalidade EJA, pois os mesmos são brasileiros e precisam conhecer a verdadeira história sobre suas origens, para que, assim, eles possam conscientizar-se acerca de quais foram os verdadeiros motivos que os levaram a ser excluídos do contexto escolar e não ter acesso à leitura, algo tão importante para nossas vidas.

Dizemos isso porque vivemos em uma sociedade grafocêntrica, sendo preciso que o indivíduo se aproprie da leitura e da escrita, que seja capaz de fazer uso efetivo dessas habilidades para que possa melhor se inserir no contexto social, pois elas são exigidas em praticamente todas as atividades sociais. Processos de aquisição, habilidade e uso social da leitura e da escrita revelam-se como uma exigência para a inserção no mundo do trabalho, para a participação social e para o exercício da cidadania.

Portanto, são muitas as barreiras impostas pela falta de alcance à leitura e à escrita para os alunos da EJA, prejudicando sobremaneira a qualidade de vida de jovens, adultos,

inclusive idosos, exatamente no momento em que o acesso ao saber e aos meios de obtê-lo representa uma divisão cada vez mais significativa entre as pessoas. Fazer a reparação desta realidade é umas das finalidades da EJA, pois ela reconhece que todos têm o direito à igualdade.

Os sujeitos inseridos na EJA como jovens e adultos já possuem uma experiência pregressa de mundo, trazendo consigo uma ampla gama de conhecimentos prévios da vida, nem sempre reconhecida pela escola. São sujeitos que ingressam na sala de aula com a perspectiva de obter melhores oportunidades na vida, no trabalho, no dia-a-dia, por estarem inseridos em um mundo cada vez mais exigente e seletivo. Por isso, é de fundamental importância que a História e Cultura Afrobrasileira e Africana seja trabalhada na EJA de forma significativa, para que os alunos entendam quem são e por que “hoje” estão onde estão. A oferta de educação que contemple esta perspectiva contribuirá para que estes indivíduos se constituam como sujeitos de direitos. Para a EJA, faz-se necessário um currículo que guarde

[...] estreita correspondência com a cultura na qual ele se organizou, de modo que, ao analisarmos um determinado currículo, poderemos inferir não só os conteúdos que, explícita ou implicitamente, são vistos como importantes naquela cultura, como também de que maneira aquela cultura prioriza alguns conteúdos em detrimento de outros, isto é, podemos inferir quais foram os critérios de escolha que guiaram os professores, administradores, curriculistas etc. que montaram aquele currículo (VEIGANETO, 1995, p. 32).

Por exemplo, a maioria dos alunos da EJA é formada por negros, pobres, vítimas de preconceito racial. Desse modo, faz-se imprescindível a inserção desta temática no currículo desta modalidade de ensino, pois cabe à escola (instituição) e aos professores auxiliar a busca por estratégias que permitam desconstruir estereótipos e preconceitos formados durante anos na vida dos alunos. Infelizmente, o que se tem percebido é que a maioria dos professores trabalha a temática apenas nas datas comemorativas: “13 de maio” e “20 de novembro” – e de forma superficial. Esse tipo de atividade não contribui, ou contribui muito pouco para uma aprendizagem significativa na vida dos alunos, pois eles veem essa temática como algo muito distante e sem relação com suas vidas.

Nesse sentido, novas ações para a Educação de Jovens e Adultos estão sendo colocadas em prática, a exemplo da inclusão do “[...] quesito cor/raça nos diagnósticos e programas de EJA e incluir na formação de educadores de EJA a temática da promoção da igualdade étnico-racial e o combate ao racismo” (BRASIL, 2006, p. 51). Assim, quando a temática História e

Cultura Afrobrasileira e Africana passar a ser adequadamente trabalhada na EJA, em muito irá auxiliar a desconstrução dos equívocos históricos a respeito da África: continente pobre, habitado por gente pobre, passiva, faminta, sem história, sem Deus e sem civilização. Destarte, os alunos se perceberão como protagonistas de sua história e com certeza assumirão sua identidade e lutarão por uma vida melhor, sem preconceitos e estigmas.

De acordo com Silva (2000, p. 13), o currículo, tal como a cultura, é compreendido como prática de significação e, como tal, vinculado à prática produtiva, às relações sociais e de poder, enfim, uma prática que produz identidades sociais. Ao se trabalhar a História e Cultura Afrobrasileira e Africana na modalidade EJA, os professores devem aguçar nos alunos o senso crítico, com o intuito de que outra imagem a respeito dos negros e da África seja construída. Mas, para que isso aconteça, o trabalho desenvolvido com esses alunos deve ser centrado no respeito, questionamentos e diálogo para que, assim, desenvolvam autonomia e um posicionamento crítico. Desses alunos foram usurpados a escola, a leitura, os melhores empregos, as melhores casas, enfim, foi subtraído muito da vida deles. No entanto, há algo que a escola não tem o direito de negar a esse grupo de pessoas: o *conhecimento*, pois é a única coisa que transforma a vida do ser humano.

Valorizar a identidade dos diversos grupos étnicos, vincular o conhecimento escolar às vivências cotidianas dos alunos tem sido uma das grandes dificuldades da escola, até mesmo porque a preocupação da instituição é padronizar. Quando os professores dispõem de uma formação que os capacita a trabalhar com a temática exigida pela Lei n. 10.639/03, são aptos a elaborar, juntamente com o conselho escolar, um Projeto Político-Pedagógico (PPP) voltado para a cultura e a diversidade. O distanciamento e a desvalorização da escola em relação ao espaço construtor da identidade dos alunos da EJA é um dos fatores mais fortes que levam ao fracasso, haja vista que,

[...] para os crítico-reprodutivistas, a escola simplesmente reflete um processo de exclusão que é estrutural e não escolar. Dessa maneira, as causas do fracasso escolar, em última instância, estão fora da escola. A sua culpabilidade reside no fato de reproduzir as relações sociais, de omitir acerca dos processos de exclusão social, de não resistir às macroestruturas discriminatórias da sociedade (CANDAUI, 2002, p. 69).

Atualmente, a relação entre o currículo oficial, o currículo oculto e identidade cultural, tem sido tema para estudos. Dessa forma, a visão sobre a função da escola tem se modificado muito. Contudo, vale a pena ressaltar e pesquisar sobre essa questão. Afinal de contas, mesmo

com o passar de tantos anos, a escola ainda continua sendo uma instituição social de encontros e desencontros, de choques e disputas, de ideologias. Assim, compreender a escola como um espaço sociocultural remete a várias discussões pertinentes a esse espaço, tornando este estudo merecedor de muita atenção, pois, como afirma Dayrell (1996, p. 136),

analisar a escola como espaço sócio-cultural significa compreendê-la na ótica da cultura, sob um olhar mais denso, que leva em conta a dimensão do dinamismo, do fazer-se cotidiano, levando a efeito por homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, negros e brancos, adultos e adolescentes, enfim, alunos e professores, seres humanos concretos, sujeitos sociais e históricos, presentes na história, atores na história. Falar da escola como espaço sócio-cultural implica, assim, ressaltar o papel dos sujeitos na trama social que constitui, enquanto instituição.

Considerar a cultura, os interesses e as experiências dos alunos parece uma utopia, porquanto as escolas regeram suas normas e leis, impondo seu padrão e ordenando que todos (seja de onde for) se adaptem, ou melhor, entrem no padrão. Logo, é o modelo homogêneo escolar que é reconhecido. Entretanto, o currículo oficial mostrará os objetivos, os conhecimentos válidos e legítimos que se deverá “aprender” e valorizar para se obter o “sucesso” social.

1.3 Breve histórico sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil

No Brasil, a Educação de Jovens e Adultos reporta ao período colonial. Os jesuítas já desenvolviam algumas atividades também voltadas à “alfabetização” dos nativos que aqui foram encontrados. Uma proposta desde o início dirigida para adultos, pobres, sem escolaridade ou profunda carência escolar (PAIVA, 2005). Conforme Haddad (2002), a partir de 1930, com o processo de industrialização e o aumento da população urbana, a educação brasileira passou a discutir sobre essa modalidade de ensino e, a partir daí, passou-se a pensar na capacitação profissional desses trabalhadores. Por volta 1945, a criação da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) contribuiu para instaurar o debate acerca da importância da Educação de Jovens e Adultos, observando as desigualdades.

A Educação de Jovens e Adultos, durante muito tempo, era concebida como ferramenta para retirar o Brasil do “atraso”. A pobreza e o analfabetismo eram considerados como as causas da desigualdade econômica; os adultos analfabetos eram vistos como incompetentes e

marginais. Como afirma Brandão (2008, p. 108), “[...] alguns dos defensores mais entusiasmado desses programas de educação para adultos marginalizados [chegavam a acreditar que, quando todos fossem alfabetizados e reciclados pela educação], os males da sociedade seriam corrigidos”.

Paiva (2005) aponta que, entre 1947 e 1950, o Governo Federal lançou várias iniciativas visando a alfabetizar em curto prazo os jovens e adultos do Brasil, a exemplo da Campanha de Educação de Adolescentes e de Adultos (CEAA), da Campanha Nacional de Educação Rural (CNER), da Mobilização Nacional de Erradicação do Analfabeto (MNEA) e do Sistema Rádio Educativo Nacional (SIREMA). Mas, tais iniciativas não surtiram o efeito esperado devido à sua inadequação, já que funcionavam na mesma perspectiva do estigma do alívio do analfabetismo e poucas vezes pela razão do direito de igualdade.

No início dos anos de 1960, surge uma nova concepção de Educação de Jovens e Adultos, a Pedagogia de Paulo Freire, a qual propunha uma nova pedagogia, levando em conta a vivência e a realidade do educando, que deveria ser um participante ativo do processo de educação. Freire & Faunez (1985, p. 59) visualizaram “uma educação que propiciasse a reflexão sobre seu próprio poder de refletir e que tivesse sua instrumentalidade, por isso mesmo, no desenvolvimento desse poder, na explicitação de suas potencialidades, de que decorria sua capacidade de opção”.

Paulo Freire via o analfabeto como sujeito produtor de cultura. Nesse sentido, a alfabetização deixa de ser habilidade para ler e memorizar sílabas e passa ser uma educação que propicia ao sujeito refletir para ter consciência crítica da realidade. O referido educador já apontara para a relação dialética entre a realidade e a linguagem ao afirmar que “aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de tudo, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras” (FREIRE, 1989, p. 07).

Em 1967, o governo militar criou o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), o qual, na década de 1970, expandiu-se por todo o país. Porém, esta expansão não se deu para que todos tivessem acesso à educação, mas para intervir na força produtora dos trabalhadores. Seu objetivo era apenas a alfabetização funcional, sem apropriação da leitura e da escrita. Em 1985, o novo governo rompeu com a Política de Educação de Jovens e extinguiu o MOBRAL.

Em 1988, houve a promulgação na nova Constituição Federal, que consagrou a obrigatoriedade do Ensino Fundamental para todos os brasileiros e forma gratuita. A nova legislação obteve avanços nos sentido de que o analfabetismo e o baixo nível de escolaridade foram reconhecidos como problemas de natureza social e não de caráter individual.

Na década de 1990, surge a *Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394 (LDB)*, promulgada em 20 de dezembro de 1996. Desde então, ela vem abrangendo os mais diversos tipos de educação: *educação infantil* (agora *obrigatória para crianças a partir de três anos*); *ensino fundamental*; *ensino médio* (estendendo-se para os jovens até os 17 anos). Além de outras modalidades do ensino, como a Educação de Jovens e Adultos, especial, indígena, no campo e ensino a distância. A LDB assegura, no artigo 37, seção V, que o sistema de ensino assegurará gratuitamente aos jovens e adultos que não puderam efetuar os estudos na idade regular oportunidades apropriadas.

No período do governo de Luiz Inácio Lula da Silva, a EJA teve um maior destaque, pois houve a criação da Secretaria de Educação Continuada de Alfabetização e Diversidade (SECAD). Segundo Machado (2009), um dos pontos positivos para a EJA com criação da SECAD foi a aproximação de outros temas da diversidade que são foco das ações da SECAD, como a questão indígena, a educação no campo, a diversidade étnico-racial, dentre outros.

Os sistemas de ensino assegurarão *gratuitamente aos jovens e aos adultos*, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do aluno, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames (BRASIL,1996, ar. 37.§ 1º).

A EJA, na atual política educacional, tem recebido maior importância tanto no discurso quanto nas ações, mas ainda continua ocupando um lugar secundário em relação ao governo. Uma das marcas da redefinição nas práticas da EJA é a presença de jovens que estavam fora da escola. Por esse motivo, as configurações dessa modalidade foram modificadas, trazendo novos desafios para a juventude.

1.4 Funções e formação dos docentes na modalidade de Educação de Jovens e Adultos

As funções reparadoras da EJA, de acordo com Soares (2002), visam à restauração de um direito negado: o direito a uma escola de qualidade. A igualdade e a liberdade tornam-se, pois, os pressupostos fundamentais do direito à educação, sobretudo nas sociedades politicamente democráticas e socialmente desejosas de uma melhor redistribuição das riquezas entre os grupos sociais e entre os indivíduos que as compõem e as expressam.

De acordo com Carlos Bauer (2008, p. 26),

[...] o homem precisa se reconhecer como sujeito da realidade histórica na qual está mergulhado, humanizando-se enquanto luta pela liberdade contra a alienação que lhe impõe a classe dominante por intermédio da violência e da opressão, da exploração e da injustiça, com as quais busca se perpetuar, coisificando as pessoas ao estabelecer “consciências necrófilas”, “fortemente possessivas” e a “cultura do silêncio”, que impõe ao todo social, no afã de satisfazer os mesquinhos objetivos de acúmulo do capital.

Aliada à função reparadora, a EJA responde à reentrada no sistema escolar dos que tiveram uma interrupção forçada do processo de escolarização, seja pela repetência ou pela evasão, seja pelas desiguais oportunidades de permanência, dificuldade a ser sanada com uma reparação corretiva, ainda que tardia, de estruturas arcaicas, possibilitando aos indivíduos novas inserções no mundo do trabalho, na vida social, nos espaços da estética e na abertura dos canais de participação. “A educação e, por conseguinte, a política não é neutra e trazem em seu bojo os projetos de sociedade, as utopias, as ideologias e perspectivas de atuação social dos seus personagens” (BAUER, 2008, p. 31).

A função equalizadora da EJA, segundo Soares (2002), é a forma pela qual se distribuem os bens sociais, de modo a garantir uma redistribuição e alocação em vista de mais igualdade. Nesse sentido, os desfavorecidos frente ao acesso e permanência na escola devem receber proporcionalmente maiores oportunidades que os outros, posto que a educação possibilite ao indivíduo jovem e adulto retomar seu potencial, desenvolver suas habilidades.

Pretendendo confirmar competências adquiridas na educação extraescolar e na própria vida, bem como possibilitar um nível técnico e profissional mais qualificado, a Educação de Jovens e Adultos representa uma promessa de efetivar um caminho de desenvolvimento de todas as pessoas. Destarte, todos poderão atualizar conhecimentos, mostrar habilidades, trocar experiências e ter acesso a novas regiões do trabalho e da cultura. Nesse diapasão, “não pode existir uma prática educativa neutra, descomprometida, apolítica. A diretividade da prática educativa que a faz transbordar sempre em si mesma e a perseguir um certo fim, um sonho, uma utopia, não permite a neutralidade” (FREIRE, 1995, p. 37).

Sobre a função permanente da EJA, Soares (2002) declara que este é o próprio sentido da EJA. Ela é um apelo para a educação permanente e a criação de uma sociedade educada para a equidade, diversidade, solidariedade e igualdade. Constitui-se um dos principais ativos e mecanismos de transformação de um povo, de forma democrática e comprometida com a promoção do ser humano na sua integralidade, além de estimular a formação de valores, hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças e as características próprias de grupos e minorias.

Assim, a função permanente da EJA é essencial ao processo de formação e abre caminhos para a ampliação da cidadania de um povo. “[...] o aprendiz conquista o lugar social de um sujeito de direitos e a educação inclusiva viabiliza a efetivação da sua cidadania à medida que busca respeitar as peculiaridades de cada sujeito por meio de práticas de ensinamentos acessíveis” (ALBURQUERQUE, 2012, p. 13).

A formação dos docentes de qualquer nível ou modalidade deve considerar como meta o disposto no Art. 22 da LDB: “a Educação Básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores” (BRASIL, 1996, art. 22). Para atender a esta finalidade, a formação de um docente voltado para a EJA deve incluir, além das exigências formativas para todo e qualquer professor, aquelas relativas à complexidade diferencial desta modalidade de ensino. A exigência de uma formação específica para a EJA busca a permanência dos alunos na escola, através de um ensino com conteúdos trabalhados de modo diferenciado, adequado à idade do alunado, com métodos próprios e tempo adequado ao perfil destes estudantes.

A formação dos docentes voltados para a EJA deve ser completa nos estabelecimentos ofertantes através do curso normal médio, do curso normal superior ou de outros igualmente apropriados. A formação adequada e a ação integrada implicam a existência de um espaço próprio para os profissionais de EJA nos sistemas, nas universidades e em outras instituições formadoras. Para qualquer profissional que se ocupe do magistério, a garantia de padrão de qualidade é um princípio que cobre o espectro da cidadania enquanto participação e enquanto exigência da clientela a que se destina.

A oferta de cursos da EJA deve ser um esforço constante e localizado dos poderes públicos com o objetivo de tornar a função reparatória cada vez mais superada, até que venha a desaparecer de nossos códigos a imposição de erradicar o analfabetismo. A EJA nos permite um momento de reflexão sobre o conceito de educação básica que preside a organização da educação nacional em suas etapas.

De acordo com Soares (2002), o “direito de todos” existirá se e somente se houver escolas em número suficiente para acolher todos os cidadãos brasileiros e se desta acessibilidade ninguém for excluído. Qualquer formação futura deve ter nas etapas da educação básica, cada vez mais universalizadas, um patamar de igualdade.

CAPÍTULO II

2. A INSERÇÃO DO CONTEÚDO DE HISTÓRIA E CULTURA AFROBRASILEIRA E AFRICANA NA MODALIDADE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

“Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que - fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade”.

Paulo Freire (1996)

Neste capítulo, apresentaremos os resultados da intervenção realizada numa escola de Ensino Fundamental da rede municipal de Campina Grande, com o propósito de mostrar alternativas metodológicas para o processo de implementação da Lei n. 10.639/03 na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) no II Ciclo.

O objetivo maior era observar como a inserção da temática História e Cultura Afrobrasileira e Africana poderia contribuir para a desconstrução dos estereótipos e preconceitos, possibilitando aos alunos da EJA desenvolverem um novo olhar em relação ao negro e sua história.

Destarte, apresentaremos a descrição do percurso metodológico (caracterização e classificação), a caracterização do *lôcus* da pesquisa (escola, turma e professora com as quais desenvolvemos as práticas), os resultados obtidos e sua respectiva análise.

2.1 O percurso metodológico

Este trabalho, em parte, resulta das atividades desenvolvidas no estágio docência vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de Pedagogia. Sendo o PIBID um programa que objetiva valorizar o magistério, está voltado para o “aprimoramento do processo de formação”. Desse modo, dentre as inúmeras atribuições do programa, está o desenvolvimento de atividades pedagógicas em escolas públicas.

A ideia é que, a partir da atividade de estágio, o graduando possa integrar a teoria e a prática. Ao mesmo tempo, o campo de estágio torna-se um espaço de “descobertas” à medida que revela o quanto o cotidiano da sala de aula muitas vezes está distante da teoria, a qual supostamente deveria fundamentá-lo e orientá-lo.

Nesse sentido, procurando aliar as demandas do estágio docência ao Trabalho de Conclusão do Curso, as atividades do PIBID foram transformadas em campo de estudo para a pesquisa que permitiu a elaboração deste TCC.

A pesquisa resulta de uma prática de intervenção pedagógica. Desta feita, pode ser classificada como pesquisa prática por viabilizar o confronto entre a teoria e a realidade. Conforme pontua André (2010), a pesquisa estruturada a partir de uma intervenção permite o

confronto entre a formação acadêmica recebida e a prática da sala de aula, [a partir da qual] o professor gera uma “didática prática”, na qual podem estar contidos germes de uma prática pedagógica alternativa voltada à realidade dos alunos que frequentam a escola pública hoje (ANDRÉ, 2010, p. 107).

Para alguns estudiosos do campo da pesquisa, o tipo de estudo por nós empreendido também pode ser definido como Pesquisa-Ação tendo em vista ser uma modalidade de estudo que procura unir a prática ao desenvolvimento de conhecimento a partir da compreensão da realidade estudada, objetivando aprofundar o conhecimento com o intuito de responder a perguntas específicas.

De acordo com Franco (2005), na Pesquisa-Ação, a busca do conhecimento (pesquisa) e a ação (no nosso caso, a prática) podem e devem caminhar juntos quando se tem por objetivo a transformação da prática. Todavia, o eixo da caracterização da abordagem da Pesquisa-Ação está na direção, no sentido e na intencionalidade dessa transformação. Ainda consoante Franco (2005), a Pesquisa-Ação, a partir de seus princípios geradores, é uma pesquisa eminentemente pedagógica – dentro da perspectiva do exercício pedagógico: configura-se como uma ação que transforma a prática educativa em prática científica, a partir de princípios éticos que visualizam a contínua formação e emancipação de todos os sujeitos da prática.

Franco (2005) declara que se torna delicada a realização da Pesquisa-Ação dentro da escola, pois surgem várias indagações a respeito do ambiente a ser explorado, devido a tantas contradições em virtude da complexidade de fatos, ações e relações de poder desiguais que trazem uma série de problemas. É necessário, pois, que o pesquisador seja experiente para tomar as decisões cabíveis para não atrapalhar o percurso do seu próprio trabalho. Há uma necessária interpenetração de papéis, sendo mister que o pesquisador passe de pesquisador a

participante sem deixar de cumprir seu papel de pesquisador. Ademais, o professor que é o sujeito de pesquisa passa a ser pesquisador de o seu próprio fazer, não deixando seu papel de professor.

A coleta de dados foi estruturada por meio de observações, entrevista (conversa informal) e aplicação de questionários, próprios à metodologia de caráter qualitativo – estruturada a partir da “[...] obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectivas do participante” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 13).

Malheiros (2011) aponta que, na área educacional, a pesquisa qualitativa é a mais utilizada. Já que os objetos de estudo frequentemente são mais complexos e variantes, os estudos não vão para a área das exatas, das contas de medições matemáticas. Como afirma Malheiros (2011, p. 188), “a abordagem qualitativa parte do principio de que a realidade só existe do ponto de vista da pessoa”. Ou seja, o que é real é a interpretação que se faz de um fenômeno, não o fenômeno em si.

2.2 O *locus* da pesquisa

O projeto de intervenção foi realizado em uma escola municipal localizada na cidade de Campina Grande-PB, no bairro Presidente Médici. Funciona nos três turnos: pela manhã e à tarde, oferece os anos iniciais do Ensino Fundamental; à noite, atende à Educação de Jovens e Adultos (EJA) com os anos iniciais e finais do Ensino Fundamental. No Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) do ano de 2011, nos anos iniciais da rede municipal, a escola atingiu a nota 4,5.

Em linhas gerais, podemos dizer que é uma escola de porte médio, com uma infraestrutura razoavelmente boa: cinco salas de aula, um banheiro masculino e um feminino para os alunos, cozinha, sala para a diretoria, sala para os professores e uma pequena sala para o Atendimento Educacional Especial (AEE). Não possui biblioteca, laboratório de informática, sala de leitura, quadra de esportes e laboratório de ciências. Em relação aos equipamentos de que a escola dispõe, figuram aparelho de DVD, TV, impressora e retroprojetor, não possuindo copiadora. O saneamento básico da escola, como abastecimento de água, energia, destino do esgoto e do lixo, é feito pela rede pública.

2.2.1 A turma

A turma escolhida para realizar a intervenção foi uma turma da EJA do turno da noite. É composta por um total de 25 (vinte e cinco) alunos, com faixa etária dos 15 (quinze) aos 65 (sessenta e cinco) anos, sendo 14 (catorze) do sexo feminino e 11 (onze) do sexo masculino. Desse total, apenas três são solteiros. Até o momento da realização da intervenção, a maioria dos alunos estava trabalhando, alguns de forma autônoma: pegando frente, vendendo roupas, joias, outras mercadorias; havia prestanistas, servente de pedreiro, entregadores de compras etc. Praticamente todos trabalhavam sem carteira assinada. Entre eles, havia dois aposentados; um com retardo mental grave tem síndrome de Down. Uma parte da turma ou está desempregada ou continua a ser sustentada pelos pais.

A escola atende aos estudantes do bairro de Presidente Médici e bairros adjacentes, como Cruzeiro, Ressurreição, Liberdade, Jardim Paulistano e Velame. Esses sujeitos pertencem a famílias (compostas de três a oito pessoas) de baixa-renda (ganhando em torno de um salário mínimo). Dos 25 (vinte e cinco) alunos, apenas dois têm casa própria. Os demais moram em casas alugadas.

A turma se enquadra perfeitamente no perfil dos alunos que compõem a clientela da EJA: cedo deixaram a escola para trabalhar, ou porque casaram e tiveram filhos muito cedo. Outros, por sua vez, por apresentar algum tipo de déficit e não conseguir acompanhar os colegas. São pessoas que já sofreram muito na vida. Quando perguntamos o porquê de eles terem voltado a estudar, a resposta da maioria dos alunos de EJA foi: “para arrumar um trabalho digno”, “para aprender a ler e escrever” e outros “para ocupar a mente”.

A maioria dos alunos da turma é composta por negros e pardos, inclusive a professora. Todavia, na entrevista, ao serem indagados acerca da sua cor, responderam: “branco”, “moreno escuro” e “moreno claro”. Nem mesmo a professora se declarou negra, embora tenha todas as características fenotípicas.

Esta é uma das razões pelas quais a inserção dos conteúdos de História e Cultura Afrobrasileira e Africana é de suma importância para os alunos da modalidade EJA. Conforme explanado no primeiro capítulo, a inserção da referida temática em muito contribuirá para que possamos desconstruir a visão negativa e estereotipada em relação aos negros, ao mesmo tempo em que possibilitará a formação de sujeitos críticos e conscientes do seu lugar social, cientes de sua pertença multicultural e habilitados para colaborar com o processo de desconstrução desse modelo estereotipado do negro e da sua cultura afro-brasileira.

2.2.2 A professora

Apesar de a prática da professora titular não ser objeto desse trabalho, é importante situá-la, tendo em vista as mudanças ocorridas ao longo do estágio docência. Em linhas gerais, a professora (doravante “Profa. A”) apresenta o seguinte perfil: é graduada em Pedagogia e Letras, cursando o Mestrado em Educação Tecnológica. Está na profissão docente há cerca de 18 (dezoito) anos, atualmente lecionando no Ensino Fundamental I, em duas turmas de 5º ano (manhã e tarde) e uma turma da EJA – II Ciclo, no turno da noite.

Em relação ao trabalho desenvolvido com os alunos da EJA, este focava a leitura. Como a maioria dos alunos não é letrada, e outros não são sequer alfabetizados, a escolha era pela técnica da leitura contextualizada. Usando blocos temáticos, numa perspectiva sistemática, semanalmente a docente selecionava um número específico de letras, cujas palavras iniciadas por elas seriam trabalhadas de forma sequencial, possibilitando desenvolver um trabalho pedagógico em uma perspectiva de leitura interpretativa, nos mais variados ângulos dos textos em estudo. Tal técnica permitia ainda trabalhar as características de intencionalidade comunicativa, espaço sociocultural, registros linguísticos, seleção lexical, interlocução dos leitores, classificação do texto e seu veículo de circulação, entre outros aspectos.

A “Profa. A” ocupa o cargo de supervisora do PIBID de Pedagogia. Tendo sido a escola em que ela atua selecionada para a prática de nosso estágio docência, viemos a tornar a nossa experiência como bolsista do PIBID no objeto de estudo do Trabalho de Conclusão de Curso, porquanto iríamos acompanhá-la ao longo de todo o ano letivo de 2014. Desse modo, o primeiro semestre do ano foi dedicado apenas à observação, enquanto o segundo semestre foi dedicado à realização do projeto de intervenção. A escolha da temática do projeto se deu a partir da percepção da relativa dificuldade da professora em trabalhar os conteúdos programáticos voltados para a História e Cultura Afrobrasileira e Africana.

Durante dois meses de observação, a professora não trabalhou qualquer tipo de conteúdo referente à temática; nem sequer nas aulas de História fez referência a ela. Inclusive, demonstrou não ter conhecimento sobre a Lei n. 10.639/03, que determina a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura afro brasileira e Africana em todos os níveis da Educação Básica nas escolas públicas. Esta informação foi obtida a partir da entrevista. Quando

indagada se conhecia a referida Lei, a docente respondeu “que não lembrava, mas que já tinha ouvido falar” (informação verbal⁵).

Outro aspecto interessante percebido diz respeito à “aparente” dificuldade da “Profa. A” em assumir a sua identidade negra. Quando apresentamos o projeto que seria desenvolvido com a turma da EJA, a docente demonstrou resistência, sempre questionando a validade da escolha do tema e sugerindo outras propostas, mais voltadas para a Língua Portuguesa, centradas na leitura. Afirmava que o trabalho com o tema escolhido poderia “provocar evasão escolar” haja vista os alunos “não se identificarem com a questão dos negros” (informação verbal⁶), argumento que deixava transparecer a dificuldade da própria professora em tratar a questão.

Diante da resistência manifestada, combinamos, pesquisadora e professora, que seria realizada uma sondagem com a turma, a fim de verificar a receptividade ou não dos alunos em relação ao tema do projeto. Desse modo, uma semana antes de iniciar o projeto – em 10 de julho de 2014 – aplicamos um questionário com a turma (cf. Apêndice C). O questionário era composto por 11 (onze) questões abertas que objetivavam verificar o nível de conhecimento da turma em relação à história do povo negro (afro-brasileiro e africano) e construir o perfil socioeconômico dos alunos colaboradores (cor declarada, renda, moradia e profissão).

Para aplicar o questionário, utilizamos duas metodologias de consulta: para aqueles que sabiam ler, entregamos um formulário para que eles escrevessem as respostas (cf. Anexo C) – mesmo considerando suas limitações de escrita; para aqueles que ainda não sabiam ler, aplicamos o questionário oralmente (entrevista). Os dados foram coletados individualmente. Em uma sala à parte, eles foram sendo chamados, um a um.

Uma das questões inquiria sobre “qual a cor” que eles se declaravam. Na ocasião, estavam presentes os 25 (vinte e cinco) alunos e nenhum deles se declarou negro – inclusive a professora. Em relação aos questionamentos voltados especificamente para o tema do projeto, todos demonstraram interesse e afirmaram que seria relevante conhecer sobre o assunto. Nessa sondagem, ao serem questionados sobre a África e o legado dos africanos para nós, brasileiros, todos afirmaram desconhecer o assunto.

⁵ PROFA. A **Entrevista semiestruturada**. Entrevista concedida pela Profa. A sobre o conhecimento da Lei n. 10.639/03 e suas implicações para o ensino. Entrevistadora: Alzira Maria Lima da Silva. Campina Grande, 2014. 1 arquivo amr (50 min.).

⁶ Idem.

Com base nos resultados obtidos, foi possível “provar” à “Prof. A” que os alunos tinham interesse no tema do projeto e que não iriam evadir em decorrência da discussão sobre a História e Cultura AFROBRASILEIRA e Africana.

2.3 O projeto de intervenção: relato de uma experiência

Os resultados que apresentaremos a seguir derivam da prática do estágio docência, sendo uma intervenção realizada em uma turma da EJA do II Ciclo-noite de uma dada escola municipal de Campina Grande-PB. A proposta desse trabalho surgiu a partir das atividades do estágio docência vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) na fase de observação do campo, durante a qual iríamos atuar orientadas pela prática da professora titular da turma, a fim de observar como ela trabalhava os conteúdos de História, especificamente o conteúdo voltado para a temática História e Cultura afrobrasileira e Africana, como também verificar o nível de conhecimento dos alunos da turma em relação à temática em questão. A proposta era, no segundo momento, a partir dos resultados obtidos com a observação e as entrevistas (sondagem) realizadas com os alunos, colocar em prática um projeto de ensino (intervenção) que permitisse inserir a temática de forma dinâmica e significativa na vida desses sujeitos da EJA, de modo a contribuir para a desconstrução dos estereótipos e preconceitos relativos ao tema.

O projeto de intervenção (cf. Apêndice A) foi colocado em prática ao longo de três meses, com encontros semanais todas as quintas-feiras, das 19h00min às 20h30min⁷. No projeto, foram realizadas as seguintes atividades:

1ª Aula - Identidade: quem sou eu?

2ª Aula - A presença africana no Brasil.

3ª Aula - O Continente Africano - Aspectos gerais: econômicos, políticos, históricos e culturais.

4ª Aula - A Diáspora africana - A vinda do negro para o Brasil.

5ª aula - O trabalho dos negros no Brasil.

6ª Aula - Diversidade cultural.

7ª Aula - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e

⁷ Por se tratar de uma escola localizada em um bairro periférico da cidade, com alto índice de violência, a carga horária das turmas de EJA geralmente é reduzida. Assim sendo, os alunos são liberados por volta das 20h 30min.

para o Ensino de História e Cultura afrobrasileira e Africana.

8ª Aula – Inclusão social.

9ª Aula – Palavras de origem africana.

10ª Aula – Aplicação de um questionário para fazer uma sondagem da turma a fim de verificar qual o alcance das atividades desenvolvidas em relação à temática da História e Cultura Afrobrasileira e Africana.

O objetivo do projeto era inserir a temática da História e Cultura afrobrasileira e Africana em uma turma de EJA. Assim, a partir de um conjunto diversificado de recursos (filmes, mapas, paradidáticos, música, poesias, cordel, entre outros), procuramos oferecer aos alunos um conhecimento mais aprofundado da temática, de modo a permitir que eles se reconhecessem como parte dessa história, possibilitando a formação de sujeitos capazes de respeitar o outro em suas diferenças, reconhecendo a legitimidade do outro, perspectiva que ultrapassa as “fronteiras” do mero respeito à diversidade. Ademais, tal iniciativa certamente contribui para a reeducação e eliminação de todas as formas de discriminação e redução das desigualdades sociais. Segue a delimitação das ações desenvolvidas – descritas com o verbo na primeira pessoa por tratar-se da apresentação dos resultados das atividades diretamente aplicadas pela pesquisadora.

1ª Aula – 17 de julho de 2014

Nesse dia, cheguei à escola às 19h00min horas. Alguns alunos já estavam em sala de aula e, aos poucos, o restante da turma foi chegando – a escola permite uma tolerância de 15 (quinze) minutos. Como já conhecia a turma desde o início do ano, as apresentações formais não se fizeram necessárias.

A aula foi iniciada com uma dinâmica de grupo cujo objetivo era permitir que os alunos percebessem as qualidades positivas que possuíam. A dinâmica consistia em colocar um espelho escondido dentro de uma caixa fechada e fazê-lo circular por toda a turma. O objetivo da dinâmica era fazer com que cada um pudesse falar algo sobre si mesmo, permitindo-lhe ver algo de bom e positivo em si mesmo. Para tanto, a caixa foi apresentada à turma com a seguinte explicação: uma pessoa muito especial foi convidada para participar da aula, mas, infelizmente, não podendo comparecer, enviou uma fotografia e solicitou que esta fosse apresentada à turma e cada um, ao ver a “foto”, deveria dizer uma qualidade positiva sobre a pessoa que está vendo na “foto”.

Desse modo, a caixa começou a circular na sala de aula. No entanto, os alunos se limitaram a olhar dentro da caixa e passá-la adiante calados, totalmente silenciosos. Fiz voltar a caixa e expliquei outra vez o que deveriam fazer: olhar e apontar uma qualidade da pessoa que estavam vendo na “foto”.

De forma muito tímida, sem olhar nos meus olhos, os alunos começaram a comunicar suas “impressões”, limitando-se a trabalhador, esforçado e comprometido. Os demais alunos da turma passaram a repetir o que os outros falaram anteriormente. E, ao fazê-lo, não olhavam em meus olhos. Alguns mantinham a cabeça baixa, como se estivessem dizendo uma mentira. Nenhuma vez alguém se definiu como bonita/o, inteligente ou capaz. Não saiu nem um elogio, nada de bom. Nesse momento, percebi que a turma sofria de baixa autoestima⁸.

Concluí a dinâmica fazendo um elogio aos alunos, afirmando que só o fato de estarem ali já os tornava vitoriosos, que eram importantes e que cada um tinha o seu valor, inclusive para a escola. Já fiquei pensando nos conteúdos e possibilidades metodológicas de alcançá-los.

Em seguida, passei à apresentação do projeto. Expliquei que ao longo de 10 (dez) aulas nós iríamos nos encontrar todas as quintas-feiras para estudar a história e cultura dos africanos e dos seus descendentes, os afro-brasileiros. Expliquei que esse trabalho que seria feito com eles iria ajudá-los, pois teriam, a partir desse projeto, novos conhecimentos a respeito da história e cultura do povo brasileiro. Também seria importante para mim, pois iria me ajudar a elaborar o meu Trabalho de Conclusão de Curso. Eles ficaram muito entusiasmados para a próxima aula.

2ª Aula – 24 de julho de 2014

Para este encontro, a temática trabalhada foi “A presença africana no Brasil”. Iniciei a aula com uma sondagem acerca do que eles sabiam e sobre o que viam no Brasil que era de origem africana. Ficaram calados, quietos; alguns responderam que não viam nada.

⁸ “Baixa Autoestima é uma característica das pessoas que se sentem inadequadas para enfrentar os desafios da vida, não acreditam nos seus potenciais e capacidade de dar resposta às questões da vida. Tem uma estrutura emocional pouco sólida que origina o pessimismo e a negatividade. Falta de sentido de auto-valorização e respeito-próprio. Uma pessoa com baixa autoestima é um ser sem senso básico de respeito por si mesmo, desvaloriza-se e não se sente merecedor de amor e respeito por parte dos outros”. Disponível em: <<http://tratamentodadepressao.org/635-baixa-auto-estima-caracteristicas/>>. Acesso em: 25 nov. 2014.

A atividade foi desenvolvida com base em um texto informativo⁹ sobre a presença africana no Brasil. O texto de João José Reis apresenta de forma sucinta a contribuição dos africanos para a cultura brasileira a partir da influência dessa etnia relativa às técnicas de trabalho, culinária e música. Como a maioria da turma era formada por pessoas iletradas (não sabiam ler e escrever), sendo os demais analfabetos funcionais (não conseguiam entender praticamente nada do que liam), optei por utilizar uma metodologia que mesclava duas técnicas de leitura: compartilhada e dirigida.

Previamente, expliquei à turma que iríamos ler um texto falando sobre a contribuição dos africanos para o povo brasileiro e que iríamos discutir parágrafo-por-parágrafo para que eles pudessem ir contribuindo com a leitura. Iniciei a leitura do texto, atenciosamente acompanhada por eles. Ao fim de cada parágrafo, parava e comentava, explicando os pontos mais importantes do texto. Em seguida, consultava a turma para que esta apresentasse suas impressões sobre o que havia sido lido, pois o comentário sobre o que foi lido ajuda o aluno a “atribuir sentido” ao que ouviu. É uma metodologia que, além de subsidiar a interpretação, permite a troca de ideias. De acordo com Kátia Brakling, a leitura compartilhada ajuda o professor a

ensinar a ler, ou seja, criar condições para que as estratégias de atribuição de sentido (sejam relativas à mobilização de capacidades de leitura, ou utilização de determinados procedimentos e desenvolvimento de comportamentos leitores) sejam explicitadas pelos diferentes leitores, possibilitando, dessa forma, que uns se apropriem de estratégias utilizadas por outros, ampliando e aprofundando sua proficiência leitora pessoal (BRAKLING, 2004, p. 07).

Reforçando esse pensamento, a professora Valquíria Pereira, em um artigo publicado no site da Revista Nova Escola, Sessão “Gente que Educa”, afirma:

Quando ouve outras interpretações sobre o mesmo texto, ele [o aluno] passa a considerar diferentes pontos de vista e revê os seus, modificando-os, ampliando-os ou reforçando-os. Considerar o que um colega compreendeu, que caminho percorreu para chegar àquela conclusão e localizar qual parte

⁹ Texto: “Poderemos brincar, folgar e cantar... - O protesto escravo na América”. O autor desse texto, João José Reis, afirma existir uma “cultura da diáspora negra”, que seria “caracterizada pelo otimismo, pela coragem, musicalidade e ousadia estética e política”. Teria sido o desenvolvimento dessa cultura indispensável para a sobrevivência dos africanos trazidos para a América. A criação dessa cultura, como uma “expressão de liberdade”, terminou por “imprimir na cultura brasileira sua influência”. Conferir ao longo do texto. Disponível em: <<http://www.escolakids.com/influencia-africana-na-cultura-brasileira.htm>>. Acesso em: 24 jul. 2014.

da leitura possibilitou sua análise, ajuda-o a buscar sentido, a entender melhor o conteúdo e a ampliar sua própria interpretação sobre aquele texto e sobre outras leituras¹⁰ (s/d, não paginado).

Após a leitura, passamos para a segunda etapa da aula: ouvir músicas brasileiras de influência africana. Levei para a sala de aula diversos tipos de músicas brasileiras marcadas no ritmo, cadência e na letra pela presença africana para que eles ouvissem e, se quisessem, dançassem – o que não aconteceu. Os alunos, através do ritmo e da melodia, deveriam identificar quais ritmos e músicas eram de origem africana. Pedi que escrevessem quais eram, e, para minha surpresa, elencaram-se: samba, maxixe, carimbó e capoeira. A metodologia deixou a aula muito divertida. Todos participaram de forma ativa.

Passamos para a terceira etapa da aula, a aplicação de um “exercício de fixação” que consistia na realização de uma pesquisa em jornais, livros e revistas de imagens e palavras em cujo material eles procurassem alguma herança da cultura africana presente em nosso país. A ênfase maior foi na pesquisa de imagens, provavelmente em decorrência da dificuldade de leitura.

Finalizamos a aula discutindo os resultados e sistematizando as respostas dos “achados”, de modo a apontar a herança da cultura negra no Brasil. Reafirmei que a música, a dança, a culinária, a religião, as artes e a capoeira, por eles já conhecidas, foram trazidas pelos africanos.

A aula foi interessante porque todos participaram, discutiram os resultados, compartilharam suas descobertas com os amigos da sala, inclusive um elogiou o outro. Perceberam-se como os protagonistas dessa noite.

3ª Aula – 31 de julho de 2014

Para este encontro, a temática trabalhada foi: “Continente Africano -Aspectos gerais: econômicos, políticos, históricos e culturais”. A primeira ação da noite foi retomar o conteúdo da aula anterior, apresentando o projeto de intervenção para aqueles que ainda não o conheciam devido à ausência nas aulas anteriores.

Do mesmo modo que nas aulas anteriores, procurei valorizar o conhecimento prévio que os alunos tinham acerca do assunto. Assim, perguntei o que eles sabiam sobre a África. A maioria disse que já tinha estudado, mas não lembrava. Uma das alunas, 51 (cinquenta e um)

¹⁰ Disponível em: <<http://www.educare.org.br>>. Acesso em: 31 jul. 2014.

anos de idade, disse: “A África é um pessoal pobre, pouco ajudado, tem fome, gente desnutrida, magra, o governo não trabalha” (informação verbal¹¹). Outra aluna, 30 (trinta) anos, disse: “Professora, a África é um bairro de Campina Grande, eu não conheço lá muito bem não, sabe, só conheço gente que mora lá, alguns pessoal, faz muito tempo que fui lá” (informação verbal¹²).

No início dessa aula, já foi possível observar a mudança no comportamento da turma. Se antes ao serem questionados, os alunos ficavam calados, agora alguns respondiam de imediato às indagações. Como afirmou Freire (2005), a experiência da abertura para o diálogo faz da sala de aula um ambiente humanizador, tornando a educação uma prática libertadora. Isto favorece que “[...] a sua dialogicidade comece, não quando o educador-educando se encontra com os educandos-educadores em uma situação pedagógica, mas antes, quando aquele se pergunta em torno do que vai dialogar com estes” (FREIRE, 2005, p. 96).

Após as intervenções da turma, iniciei a aula. Expliquei que a África é um continente de muita diversidade, que tem muita beleza e riquezas naturais, a exemplo do nosso país. Mas que era verdade que lá existia muita pobreza. Questionei a turma acerca do porquê, mas o silêncio reinou como resposta.

Em seguida, do mesmo modo que na aula anterior, utilizei a mesma metodologia de trabalho: leitura compartilhada e dirigida, discutindo parágrafo-por-parágrafo, a fim de facilitar a compreensão da atividade.

O texto¹³ lido tratava do continente africano em seus aspectos gerais, numa perspectiva positiva. Falava sobre a geografia, a economia e a diversidade cultural e humana, apontando suas belezas e riquezas. Os alunos ficaram encantados. Eles perguntavam se era verdade mesmo o que tinha levado para eles verem.

A etapa seguinte foi apresentar o continente africano no mapa mundi e no globo terrestre para ajudá-los a ter uma noção do formato do nosso planeta, dos continentes e da distribuição dos mesmos. Passamos para a parte prática da aula. Pedi aos alunos que se aproximassem do mapa, um a um, solicitando que localizassem sozinhos o continente

¹¹ Informações cedidas pela Aluna A, 51 anos, em contexto de sala de aula.

¹² Informações cedidas pela Aluna B, 30 anos, em contexto de sala de aula.

¹³ O texto foi retirado de um sítio voltado para educação. Afirma: “Quando se fala da África, geralmente se associa imediatamente a elevados índices de pobreza, fome, mortalidade infantil, doenças e indivíduos que vivem em condições sub-humanas. Entretanto, embora os problemas sociais e a miséria sejam um grande problema de muitas áreas do continente africano, o local esconde inúmeras riquezas naturais que com certeza irão te impressionar e te proporcionar imagens muito mais satisfatórias desse continente que tanto sofre com a decadência da assistência social.” Disponível em: <<http://www.colegioweb.com.br/trabalhos-escolares/geografia/riquezas-da-africa.html>>. Acesso em: 31 jul. 2014.

africano. Eles sentiram muita dificuldade em encontra-lo; muitos afirmaram que “não sabiam nem quais eram os continentes que compunham o mundo”. Os 15 (quinze) alunos presentes na aula naquele dia foram ao mapa, mas não conseguiram realizar a tarefa: encontrar a África.

Continuando a aula, solicitei que eles escrevessem o que haviam entendido sobre o assunto da aula. A proposta da atividade permitiu trabalhar, além do conteúdo de História e Geografia, o conteúdo de língua portuguesa, promovendo a interdisciplinaridade.

A aula foi muito produtiva. No final, ao discutirmos os resultados, apesar de não conseguirem escrever, em suas falas os alunos apresentaram suas opiniões, trazendo exemplos de suas vidas. Um deles, de 34 anos, deu um exemplo que me permitiu entender que havia compreendido o que fora trabalhado na aula. Afirmou: “[...] que é como se aqui pegasse só as favelas, a pobreza, a miséria de Campina Grande e mostrasse para o mundo lá fora, num é, professora?” (informação verbal¹⁴). Eu fiquei muito feliz com o exemplo dado por ele, até porque todos concordaram a partir da prática usual: ficar repetindo o que os outros falavam.

4ª Aula – 07 de agosto de 2014

Para este encontro, a temática trabalhada foi “Diáspora africana - A vinda do negro para o Brasil”. Como sempre, iniciei fazendo uma sondagem: perguntei como teria sido a vinda do negro para o Brasil. As respostas foram surpreendentes. Como já estavam entrosados com a professora (eu), já passaram a responder. Uma aluna, 15 anos, respondeu: “eles vieram procurar trabalho, vieram de ônibus, eu vi no jornal” (informação verbal¹⁵) – possivelmente fazendo alusão às reportagens que vêm tratando sobre a África na atualidade. O que também denota uma total falta de conhecimento da História do Brasil. Outro aluno, 28 anos, disse: “vieram por causa de uma doença, ebola” (informação verbal¹⁶). Outros responderam que os negros vieram de ônibus, avião, navio; os demais não sabiam. Nas respostas, era perceptível a influência do que a mídia mostra.

Nessa noite, levei para os alunos o filme *Amistad*¹⁷, exibindo o capítulo 11 da produção, que mostra o processo de captura, aprisionamento e transporte dos africanos para o Brasil. O

¹⁴ Informações cedidas pelo Aluno C, 34 anos, em contexto de sala de aula.

¹⁵ Informações cedidas pela Aluna D, 15 anos, em contexto de sala de aula.

¹⁶ Informações cedidas pelo Aluno E, 28 anos, em contexto de sala de aula.

¹⁷ *Amistad* é uma produção norte-americana lançada no ano de 1998. Dirigido por Steven Spielberg, o filme é um drama-histórico que conta a saga de um grupo de africanos traficados para a América que, após uma rebelião, são capturados pela marinha inglesa, julgados e condenados.

filme relata como eles eram transportados, mostra as condições precárias, como vinham trancafiados. Um relato “fiel” da travessia do Atlântico e dos atos de crueldade praticados contra o povo africano. Terminada a exibição, abri para a discussão, para que os alunos pudessem expressar o que tinham achado e estavam sentindo. A ideia era, a partir das falas, verificar a percepção que passaram a ter da questão, o que havia mudado.

Observei que o capítulo exibido havia emocionado a todos. Muitos alunos choraram, inclusive a professora, ao perceber o quanto os negros sofreram. Questionei o que mais os havia marcado sobre o que eles tinham visto. O silêncio permaneceu na turma. Estavam perplexos com as cenas, não acreditavam no que haviam visto. A partir do debate, fui pontuando as informações históricas, desde a condição humana dos negros, com família, pertença, identidade. Relatei que foram trazidos à força, os castigos aos quais foram submetidos, as inúmeras formas de luta e resistência. O filme e a discussão por ele fomentada contribuíram para preencher as lacunas no conhecimento dos alunos e desconstruir as noções equivocadas que tinham sobre a presença dos africanos no Brasil. Para enriquecer ainda mais a discussão, apresentei o poema de Castro Alves, *Navio Negreiro*. Após a leitura do poema, para ilustrar e reforçar o conteúdo trabalhado, pedi que os alunos escrevessem frases simples sobre o que tinha ficado em suas mentes e assim eles fizeram.

Nas frases elaboradas, as palavras que mais surgiram foram: tristeza, povo ruim, maldade, morte, sangue, mar e água. As frases tornaram evidente que os discentes entenderam o conteúdo, que o tráfico dos africanos deixou profundas marcas na vida dos negros trazidos para o Brasil e que a vinda deles só trouxe benefícios para os europeus, pois tiraram tudo de bom que os negros ofereciam: seus sorrisos, sua força e, muitas vezes, suas vidas.

5ª Aula – 14 de agosto de 2014

O conteúdo planejado para esta aula foi “O trabalho dos negros no Brasil”. Realizando a habitual consulta ao conhecimento prévio dos alunos, eles responderam que não lembravam – justificando que fazia muito tempo que tinham estudado, por isso não lembravam. Não tendo obtido muitos resultados, comecei a leitura do texto – seguindo a mesma metodologia de leitura utilizada nas aulas anteriores.

O texto¹⁸ utilizado, de autoria de Leandro Carvalho, discutia a questão da mão de obra escrava, apresentava os distintos tipos de atividades no campo e na cidade. Elucidava ainda quais as atribuições e funções dos “escravos de ganho” e quantas horas eram obrigados a trabalhar por dia, além das condições insalubres, da vigilância à qual estavam submetidos e dos castigos.

Após a leitura, fez-se uma reflexão coletiva, discutindo o trabalho escravo em comparação ao trabalho de hoje. Então, uma aluna de 52 anos disse: “Eu tive que trabalhar muito para sobreviver, a diferença do negro, professora, é que eu não apanhava e recebia pelo trabalho, mas tive que parar de estudar e hoje tô aqui uma burra veia” (informação verbal¹⁹).

Nesta ocasião, expliquei para todos que eles não tiveram culpa de não terem estudado quando crianças. Que foi justamente por conta desse modelo de sociedade que muita gente não teve acesso à escola e a uma condição de vida melhor. Portanto, isso era um problema social e que, no caso específico deles, que saíam de suas casas, cansados, com fome e às vezes doentes para estudar, já podiam se considerar vencedores por buscarem o conhecimento que lhes foi negado na infância.

Em seguida, pedi para que os alunos fizessem uma reflexão sobre em que posição estão os negros no Brasil hoje. Os discentes participaram, concordando que são poucos os negros que ocupam as mesmas posições que os brancos e que isso não acontecia por falta de competência, mas, sim, pelo fato de os negros terem tido o direito à igualdade usurpado, situação recorrente no Brasil desde o período colonial e que se perpetuara até os dias atuais.

À medida que a discussão acontecia, eu escrevia na lousa os aspectos que estavam sendo abordados. Em um dado momento, surgiu um impasse entre mim e a professora titular da turma. Esta queria que os alunos escrevessem tudo que estava escrito no quadro. Intervi e disse a ela que o mais importante era a participação deles na discussão do assunto como sujeitos pensantes, críticos, participando ativamente da construção do próprio conhecimento - que lhe fora negado por toda a vida. Pois, como nos ensinou Freire (2005, p. 42), a respeito do conhecimento que leva à inserção crítica do sujeito na sociedade,

[...] inserção crítica e ação já são a mesma coisa. Por isso também é que o mero reconhecimento de uma realidade que não leve a esta inserção crítica (ação já) não conduz a nenhuma transformação da realidade objetiva, precisamente porque não é reconhecimento verdadeiro.

¹⁸ Texto intitulado “Formas do trabalho escravo no Brasil”. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/historiab/formas-trabalho-escravo-no-brasil.htm>>. Acesso em: 24 jul. 2014.

¹⁹ Informações cedidas pela Aluna F, 52 anos, em contexto de sala de aula.

Finalizamos a aula ponderando a partir das seguintes constatações: passados séculos, os negros ainda hoje continuam exercendo atividades subalternas, inferiores, sem carteira assinada. Ocupações que não os permitem estar no mesmo patamar em que se encontram as pessoas brancas. Não por falta de capacidade, mas, sim, por não terem tido as mesmas oportunidades, tampouco terem tido acesso à escola.

6ª Aula – 21 de agosto de 2014

Nesse dia, o trabalho centrou-se em torno da temática da diversidade em amplo sentido, voltada para as questões das diferenças religiosas, de sexualidade, de gênero, deficiências, geracionais, socioeconômicas, com ênfase na origem étnico-racial. A discussão foi orientada no sentido da promoção da igualdade racial e do reconhecimento do caráter multiétnico da sociedade brasileira.

Para esta aula, foram selecionados 12 (doze) slides do livro *Ninguém é igual a ninguém*, das autoras Regina Otero e Regina Rennó²⁰. O livro, disponível em vídeo, trata da diversidade cultural existente em nossa sociedade. Dentre os temas tratados, estavam: “Paulinho, meu vizinho da esquerda, é gorducho. Alguns meninos vivem gritando pra ele: ‘Paulinho, baleia, saco de areia’. Ele chora e chora” (Slide 4); “Joana, a vizinha da direita, é negra e sempre diz que queria ser branca” (Slide 5); “Davi, que mora em frente, é ruivo e fica furioso quando o chamam de cabeça de fogo. É fogo mesmo” (Slide 6); “É que em toda casa tem sempre alguém que quer ser diferente do que é” (Slide 7); “Eu sou magrelo porque é assim que sou. Antes não gostava que ninguém mexesse comigo. Já tive apelido de palito, vareta, linguiça” (Slide 8); “Tenho outro amigo que queria ser o mais inteligente de todos. Ficava nervoso quando alguém aparecia com notas maiores do que as dele. Ora, cada um tem a nota que tem, a casa que tem, a cor que tem” (Slide 10); “Já pensou se todos fossem iguais? Acho que as pessoas teriam que andar com o nome escrito na testa para não serem confundidas com as outras” (Slide 11).

²⁰ Vídeo do livro *Ninguém é igual a ninguém*. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/celoym/ningum-igual-a-ningum-presentation>>. Acesso em: 21 ago. 2014.

FIGURA 01: Aula expositiva sobre a presença dos negros no Brasil.



Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

À medida que os slides iam passando com as imagens do livro, eu os lia de forma que os alunos pudessem entender e visualizar as imagens. A opção pelo texto literário deu-se por acreditar que o discurso literário também é capaz de retratar concepções de uma época. Dessa forma, quando nos referirmos tanto aos fatos históricos quanto às narrativas de ficção, a grafia recomendada pelos manuais de redação é a histórica. Entretanto, quando se trata de uma história fictícia que mostra a uma dada realidade, podemos fazer uso de diferentes tipos de discursos, gêneros. Por isso, os professores devem valorizar a leitura de textos de cunho literário, tendo em vista que as literaturas põem em cena novos sujeitos das políticas sociais.

Após a apresentação dos slides, falei para eles que a escolha daquele livro se deu por este mostrar uma história que retrata bem a sociedade em que vivemos, contemplando nossa diversidade. Depois da explicação sobre o objetivo da aula, perguntei se gostariam de falar alguma coisa sobre o assunto.

Esse dia foi o mais difícil. Teve início uma discussão polêmica porque a maioria dos alunos não aceitou discutir as questões voltadas para os aspectos sexuais e religiosos. Foi uma polêmica. Uma aluna de 50 anos me disse: “Professora, Deus fez o homem para a mulher; esse negócio de gay é coisa de Satanás” (informação verbal²¹). E todos concordaram com ela.

²¹ Informações cedidas pela Aluna H, 50 anos, em contexto de sala de aula.

Então, mostrei para eles que, independentemente de ser coisa de Satanás ou não, todos são iguais perante a lei, e que devemos viver sem estar invadindo a liberdade do outro. Expliquei que eles não precisavam concordar e aceitar, porém respeitar o outro que vive de uma forma diferente, que come e tem hábitos e costumes diferentes.

Foi um debate intenso. A professora titular da turma da EJA, talvez por ser evangélica, concordou com os alunos. O que percebi é que eles não mudaram de opinião. Nessa noite, eu saí “arrasada” da sala. Mas, acredito que essa semente ficou plantada na cabeça de algum aluno a partir daquele momento e que um dia ela vai ser regada por alguém e vai nascer o fruto do respeito pelo outro.

7ª Aula – 28 de agosto de 2014

Para essa aula, a ideia era apresentar as leis e diretrizes que orientam a proposta de educação étnico-racial. Assim, nessa noite, levei o texto das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura afrobrasileira e Africana (BRASIL, 2004). Iniciei a discussão com a leitura do texto da “Apresentação Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR)” presente no referido documento.

Mostrei aos alunos da EJA que, desde o Brasil Colônia até os dias de hoje, o nosso país sempre teve uma postura racista e preconceituosa para com os negros, e que, nesse sentido, a Lei n. 10.639/03, que instituiu a obrigatoriedade do ensino da História da África e dos africanos no currículo escolar dos ensinos Fundamental e Médio, representou um ganho significativo para os membros desta etnia. Isto porque, a partir da promulgação da Lei, muitas mudanças estavam acontecendo em nossa sociedade, no sentido de “[...] promover alteração positiva na realidade vivenciada pela população negra e trilhar rumo a uma sociedade democrática, justa e igualitária, revertendo os perversos efeitos de séculos de preconceito, discriminação e racismo” (BRASIL, 2004, p. 08).

Expliquei que a Lei n.10.639/03 resultava de uma conquista das lutas dos movimentos negros, que muito contribuíram para o nosso país, seja com a sua força de trabalho, seja com sua cultura – ainda presentes em nossa sociedade. Graças à Lei n. 10.639/03, estavam sendo estruturadas “Políticas de Reparações, de Reconhecimento e Valorização de Ações Afirmativas” voltadas para a educação dos negros, visando a promover a igualdade social e racial.

Ao passo que eu ia lendo para/com eles, abria um espaço para o debate. Essa metodologia é recomendável para trabalhar com alunos da EJA, pois é nessa hora que eles podem dirimir as dúvidas e participar, inclusive dando exemplos da vida pessoal e, assim, enriquecem a aula, já que o assunto trabalhado passa a fazer sentido para suas vidas.

Depois dessa discussão, distribuí cópias do texto lido e solicitei que eles localizassem no texto as seguintes informações: qual o papel da educação? Qual o quadro em que os negros se encontram em relação à escola? O que é a Lei n. 10.639/2003? Quem assinou essa Lei? E qual o objetivo dela?

Depois que eles localizaram o que havia sido solicitado, abri espaço para a apresentação das informações por eles encontradas. O resultado da atividade foi significativo, porquanto possibilitou o conhecimento da Lei e a sua importância para suas vidas.

8ª Aula – 04 de setembro de 2014

Para a oitava aula, trabalhei a temática da inclusão social. Como nos dias anteriores, iniciei a aula perguntando aos “meus” alunos o que eles entendiam por inclusão social. Como a turma já havia adquirido confiança e já havia estabelecido uma relação de amizade e valorização da fala do outro, eles responderam de pronto, dizendo que “era incluir pessoas deficientes”. Concordei com eles que isto fazia parte do conceito de inclusão, mas que ele não se resumia apenas à pessoa com deficiência. Expliquei que a inclusão também dizia respeito a todas as pessoas que se sentem excluídas da sociedade por qualquer que seja o motivo: ser negro, gordo, magro, albino ou não se enquadrar no modelo que a sociedade determina como aceitável.

Perguntei se algum deles, mesmo não tendo deficiência física ou intelectual, já havia se sentido excluído. Então, os alunos começaram a contar suas histórias. Um deles, de 35 anos, afirmou: “eu me sinto excluído quando tento arrumar um emprego e não consigo por não ter estudo” (informação verbal²²). Uma aluna de 35 anos disse: “eu sou excluída na minha casa. Minhas filhas me humilha porque eu não sei ler, e quando peço pra elas lerem a Bíblia para mim, elas dizem ‘vá estudar’, e é por isso que estou aqui” (informação verbal²³).

Desta feita, mostrei para os discentes que a inclusão é uma proposta de tornar igual (em direito) todos que estão fora do padrão instituído, do modelo do único que a sociedade definiu como certo, bonito, bom e aceitável. Por isso, é importante que respeitemos todas as pessoas

²² Informações cedidas pelo Aluno I, 35 anos, em contexto de sala de aula.

²³ Informações cedidas pela Aluna J, 35 anos, em contexto de sala de aula.

que vivem ao nosso redor, pois a atitude de distanciamento social leva à exclusão e à segregação de muitos.

Após a discussão sobre inclusão, passei para a segunda etapa da aula. Como eles já estavam sentados em círculo, pedi para fecharem a “roda”. Em seguida, apresentei o livro que iríamos ler, *O Patinho Feio*²⁴, escolhido na versão mais fiel ao original de Andersen, por acreditar que algumas versões já se desvirtuaram da original para amenizar o sofrimento do personagem. Expliquei que faríamos uma leitura compartilhada do livro: cada aluno iria ler um parágrafo da história, respeitando o tempo de leitura do outro. Isto fez com que a atividade demorasse a se finalizar, pois os alunos liam devagar. Ao final, li a história outra vez, com a entonação adequada.

A ideia de trazer a história do Patinho Feio para a sala de aula se deu em decorrência do conteúdo despretensioso que retrata a realidade das práticas de exclusão pela diferença, muito comuns em nossa sociedade. A literatura, por ter uma forma lúdica de apresentar os fatos e acontecimentos, torna-se um eficiente instrumento pedagógico à proporção que ajuda o aluno a entender melhor as situações ilustradas.

Depois desse debate, solicitei para que os discentes reescrevessem a história do Patinho Feio apontando para a questão da inclusão social. Essa atividade foi feita em grupo, pois quem não sabia ler e escrever podia participar também de forma ativa e não se sentir excluído dentro da própria sala de aula. Após a reescrita, cada grupo leu e socializou com os outros amigos suas reescritas.

Finalizei a aula explicando que a finalidade da história lida era mostrar a necessidade de respeitar a forma de ser de cada um dentro e fora da aula. Mostrei que nossa sociedade é diversa. Sendo nosso país plural, as diferenças acabam gerando a exclusão de muitos, principalmente daqueles que não têm a bagagem cultural tão exigida, acarretando exclusão a quem não se encaixa nesse perfil. Para os alunos da EJA, uma das formas de promover inclusão é respeitar as várias formas de se viver do outro.

As atividades propostas pretendiam contribuir para que os alunos do II Ciclo da EJA conversassem e aprendessem a refletir sobre as diferenças entre os seres humanos, sejam elas raciais, culturais, de sexo, derivadas de crenças religiosas ou determinadas por deficiências físicas, como também sobre os preconceitos que podem ocorrer.

Desse modo, as mudanças de comportamento e atitudes pelas quais estamos passando nos remetem a um imperativo: trabalharmos com as diferenças e a diversidade humana.

²⁴ O texto “O Patinho Feio” está contido no livro *Contos de Andersen*, de autoria de Hans Christian Andersen.

Assim, através do discurso literário, explicitando concepções a partir do lúdico, teremos uma aceitação maior entre os sujeitos-leitores, pois esta prática lhes concede a possibilidade de dialogar com o texto a partir de suas vivências.

9ª Aula – 11 de setembro de 2014

Para essa aula, o tema trabalhado foi “Palavras de origem africana”. A ideia era discutir a contribuição dos negros africanos para a cultura brasileira a partir do amplo conjunto de palavras por eles trazidas. Ao estudar as palavras de origem africana que foram incorporadas em nossa língua, os alunos, ao mesmo tempo em que aprendiam as palavras, também aprendiam o significado delas. Desse modo, a atividade planejada deveria ajudá-los a respeitar e a valorizar a participação do povo africano e da sua cultura na formação da sociedade brasileira.

Para tanto, planejei uma “gincana ortográfica” com palavras de origem africana que utilizamos no dia-a-dia. A partir da atividade, os alunos ficariam sabendo que muitas palavras por eles utilizadas cotidianamente são de origem africana. Selecionei mais de 100 (cem) vocábulos, de A a Z, dando conta das nossas práticas culturais em geral: *dengo*, *cochicho*, *xodó*, *cafuné*, *mocotó*, *moleque*, *mangar*, *encabelar* e *encabular* são alguns exemplos.

A metodologia utilizada para trabalhar as palavras foi iniciada no encontro anterior (8º). Distribuí a lista com todas as palavras (cf. Apêndice B) para que os discentes estudassem em casa ao longo da semana. Assim, à medida que fossem estudando a grafia e o significado dessas palavras, fariam a correspondência entre o texto e a sua realidade. A dinâmica em sala de aula foi sortear uma palavra, a qual deveria ser escrita no quadro e lida pelo grupo, a fim de verificar a correção ou incorreção da grafia. Após a leitura, o grupo avaliava e corrigia a escrita, caso fosse necessário. Os alunos gostaram tanto dessa atividade que me solicitaram que fosse realizada outras vezes.

Terminada esta etapa, dei sequência às atividades do dia com uma oficina de fabricação de brinquedos populares, confeccionando peteca, bilboquê e vaivém. Os brinquedos foram produzidos com materiais reciclados: garrafas pet e pó de serra. O objetivo dessa oficina era despertar em cada aluno a noção do quanto é importante preservar o meio ambiente e como o “lixo” pode ser reciclado para a elaboração de brinquedos e utensílios domésticos (vassouras, tapetes, cesto, artesanato etc.).

Essa aula foi produtiva porque todos participaram das atividades práticas, tanto na gincana de palavras de origem africana quanto na fabricação dos brinquedos.

10ª Aula – 02 de outubro de 2014

Para esse dia, as atividades programadas tinham um caráter de culminância, fechamento. Iniciei a aula fazendo uma retrospectiva de todo o assunto trabalhado no decorrer dos nossos 09 (nove) encontros. O assunto foi reintroduzido, a partir da sequência das aulas ministradas, ao mesmo tempo em que fazia um chamamento à memória do grupo. O resultado foi positivo, pois eles lembraram, participaram, exemplificaram e riram.

Concluída esta etapa, passei para a fase seguinte: avaliar o alcance do projeto, cujo objetivo maior era observar como a inserção da temática História e Cultura afrobrasileira e Africana poderia contribuir para a desconstrução dos estereótipos e preconceitos, possibilitando aos alunos da EJA desenvolverem um novo olhar em relação ao negro e sua história.

Para verificar o êxito do projeto, numa perspectiva diagnóstica, reapliquei o mesmo questionário que havia sido aplicado com os alunos antes do início das nossas atividades. As respostas confirmam a hipótese inicial: que eles aprenderiam de forma significativa o que foi trabalhado se a implementação da Lei n. 10.639/03 na modalidade de Educação de Jovens e Adultos fosse utilizada como uma estratégia metodológica alternativa.

No questionário, a primeira pergunta era: “Qual sua cor?”. Como dito anteriormente, no primeiro momento, antes da intervenção do projeto, todos os 25 (vinte e cinco) alunos se declararam: *brancos, morenos claros e/ou morenos escuros* – inclusive a própria professora, que se declarou “*morena*”. Dessa segunda vez, dentre os 18 (dezoito) alunos presentes, 10 (dez) se declararam negros – inclusive a própria professora.

Outra pergunta que foi feita aos alunos questionava: “Qual foi a herança que os negros nos deixaram e que está presente em nossos dias ainda hoje?”. Nas respostas da primeira aplicação do questionário, todos responderam “*que não sabiam*”. Dessa vez, as respostas confirmaram que eles aprenderam de forma significativa o que foi trabalhado durante esses três meses. Responderam de forma sucinta, apenas com palavras, mas percebo que eles compreenderam, exemplificaram com a *comida, o jeito de falar, as danças, belezas, a força de trabalho e a música*. O resultado me deixou muito satisfeita, pois o objetivo havia sido plenamente alcançado: os alunos haviam aprendido com qualidade – passaram a conhecer e

saber identificar, de forma valiosa, a herança e a presença dos africanos para o Brasil e para eles. E o mais importante de tudo foi o resultado positivo para a valorização de suas identidades de negro, promovendo uma mudança significativa na autoestima desses alunos. Passaram a expor suas ideias, olhar nos olhos, sorrir; tornaram-se mais confiantes e firmes em suas falas. Nesse ponto, acredito que a metodologia utilizada contribuiu muito para esta mudança.

Em relação à terceira pergunta abordada no questionário, “O que é a África?”, as respostas melhoraram significativamente. Na primeira vez que essa pergunta foi feita aos alunos da EJA, a maioria respondeu que *“não sabia, pois fazia muito tempo que tinham estudado”*, outros escreveram *“que era lugar de muita pobreza”* e uma aluna chegou a responder que era *“um bairro de Campina Grande”*. Dessa vez, as respostas me surpreenderam. Os alunos responderam: *“é um Continente rico e bonito”*; *“um continente rico e que tem muita pobreza como o Brasil”*; *“um continente explorado”*, *“um continente bonito e grande”*; *“um lugar bem longe, mais que trouxe muito pra o nosso país (sic)”*; *“um continente de pessoas inteligentes e bonitas”*. Apenas o fato de todos terem aprendido que a África é um continente já valida a realização do projeto de intervenção.

Depois de aplicar esse questionário, pedi que eles escrevessem um texto sobre a África e os negros. Inclusive, a sugestão da atividade partiu da “Profª. A”, já totalmente receptiva e afinada com o tema. O tema proposto para a redação do texto foi: “o que eu sabia sobre os negros e a África e o que eu sei hoje sobre os negros e a África”.

Imediatamente, questionaram-me: se quem não sabia ler/escrever podia desenhar ou escrever uma frase simples, que representasse o que eles queriam falar. De pronto aceitei a proposta. Assim foi feito. O resultado do texto, mais uma vez, deixou-me feliz. Ao ler os textos, as palavras e desenhos por eles produzidos com o intuito de dizer o que aprenderam reafirmaram a minha concepção da importância de essa temática ser trabalhada nas escolas e, em especial, na EJA (cf. Anexo A, B e D).

Fechamos a aula escrevendo coletivamente um acróstico²⁵ sobre preconceito racial. Como o acróstico era um gênero textual já conhecido pela turma, haja vista a “Profª. A” utilizá-lo com certa frequência, a turma não apresentou nenhuma dificuldade em produzi-lo. O resultado foi surpreendente, pois revelou outra perspectiva de ver a questão do preconceito

²⁵ É uma composição poética onde a primeira letra de cada verso que, quando lida em ordem (outra direção ou sentido), forma uma palavra ou um título.

racial: sensível e crítica. No final, o texto produzido foi “arrumado” por um dos alunos da turma (um senhor de 65 anos), que, além de alfabetizado, é poeta. Segue o resultado.

PRECONCEITO RACIAL

Prejudica e humilha

Revela maus sentimentos

E rebaixa quem o sofre

Criando vis pensamentos

O resultado é fatal

No seu viver humilhado...

Como condição final

Ele acha-se desprezado

Issso conduz o mal sim

Tem um resultado ruim

O seu desgosto é dobrado

Racista não é bem visto

A fama é má... é venal

Como isso causa desgosto

Issso não traz bem: traz mal

Ate lhe entristece o rosto...

Lhe falta paz afinal.

Observei a importância da inserção da temática em todos os âmbitos da educação, porquanto que a escola tem um papel importante a cumprir nesse debate. Uma das formas de interferir pedagogicamente na construção de uma pedagogia da diversidade e garantir o direito à educação é saber mais sobre a história e a cultura africana e afro-brasileira. Esse

entendimento nos ajuda a superar opiniões preconceituosas sobre os negros, a África, a discriminação racial e a implementar ações afirmativas.

2.4 Analisando os resultados

Quem já teve a oportunidade de atuar na modalidade de ensino EJA sabe que os alunos que fazem parte desse nível educacional aprendem mais lentamente e esquecem muito rápido em relação às crianças. Também é muito comum constatar atitudes de autodesvalorização, demonstrações de baixa autoestima. Com esta turma, não foi diferente. Percebi isso quando relataram suas histórias de vida (dados obtidos nas entrevistas e no cotidiano de sala de aula), revelando que muitos se consideravam incapazes de aprender a ler e escrever, definindo-se como “cabeças-duras”, demonstrando sentimento de inferioridade. Aspectos que precisam ser considerados no desenvolvimento de atividades voltadas para esse público: conteúdo, metodologia e práticas que busquem estimulá-los, motivá-los e ajudá-los no processo de construção da sua autoestima.

A EJA tem a função, entre outras, de contribuir para que os educandos busquem, a partir do domínio da leitura e da escrita, novas inserções no mundo do trabalho, na vida social, o desenvolvimento de seu potencial e de suas habilidades, partindo do pressuposto de que todos os alunos da EJA são produtores de sua própria cultura e seus conhecimentos. A Educação de Jovens e Adultos representa o resgate de uma dívida social aos que não tiveram acesso a processos de escolarização por motivos diversos.

Portanto, para colocar em prática o projeto de intervenção, tomamos como ponto de partida o conhecimento prévio dos alunos da turma, sua leitura de mundo e sua linguagem cotidiana. A partir desse parâmetro, procuramos colocar em prática uma metodologia de ensino-aprendizagem baseada em técnicas de leitura, escrita e interpretação de textos acessíveis ao aluno da EJA, de modo a propiciar ações através das quais os alunos percebam a importância e o uso social da leitura e da escrita e a relação destas com o mundo em que estão inseridos.

Destarte, procuramos utilizar diferentes suportes de leitura e escrita, como jornal, encartes, livros, revistas e apresentação do dicionário, tudo voltado para a temática História e Cultura afrobrasileira e Africana. A escolha se deu por textos curtos, que deveriam ser lidos e interpretados a partir de técnicas diversas; dentre elas, a leitura compartilhada de crônicas, poemas, notícias de jornais. Utilizamos ainda trechos da Bíblia, de livros de cânticos e

receitas trazidos pelos alunos. Após a leitura e discussão do material selecionado para cada aula, passávamos à construção de textos coletivos.

A escolha do conteúdo de História e Cultura afrobrasileira e Africana como tema de pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso atendeu a uma dupla demanda: colocar em prática alternativas metodológicas para a EJA e, ao mesmo tempo, verificar o alcance do conteúdo para a identidade dos alunos. Assim, a metodologia de trabalho pensada para dar cumprimento às atividades do projeto de intervenção estava centrada na valorização do conhecimento prévio dos alunos. Quase todas as aulas foram planejadas tomando como base o “resgate” do repertório de conhecimento dos alunos, a compreensão que eles tinham sobre os negros, a África e o legado que os africanos deixaram para nós.

A Lei n. 10.639/2003, que determina a obrigatoriedade da inserção do ensino de História e Cultura afrobrasileira e Africana, objetiva ressaltar as contribuições e a importância dos povos africanos para a formação da sociedade brasileira, abrindo espaço para um diálogo mais fecundo com os aspectos culturais e históricos destes povos. Esta orientação curricular permitirá corrigir séculos de erros e lacunas que invisibilizaram o povo negro na História do Brasil e nas instituições educacionais.

Cientes da importância da leitura para os alunos da EJA, através de textos literários, procuramos promover uma nova visão dos negros: povos que tantos benefícios trouxeram para o nosso país. Para que bons resultados sejam alcançados, os professores devem valorizar a leitura de textos literários, tendo em vista que as literaturas põem em cena novos sujeitos das políticas sociais. Como confirma Penha (2010, p. 301),

Os textos literários, como já foi dito, podem resgatar matrizes históricas e culturais do negro, bem como desvelar sua face oculta e apresentá-lo de forma positiva e sujeito de seu discurso. Visto que os textos veiculam mensagens, informações, ideologias, é preciso que a escola, e em especial os professores da área de língua portuguesa, principalmente, estejam atentos para incluir em seus programas obras de autores que, na linhagem da literatura, em especial da literatura infanto-juvenil, problematizam e esclarecem de forma lúdica, relevantes questões de discriminação racial, de gênero, classe e outras, por meio de histórias, contos, crônicas, poemas, peças teatrais e canções.

Quando trabalhamos de forma significativa a História e Cultura afrobrasileira e Africana, estamos contribuindo para a construção de uma sociedade justa e solidária, na qual temos diálogo e respeito com o outro. Uma formação voltada para a diversidade cultural é o ponto de partida para o bem comum de todos.

Colocar em prática um projeto de intervenção centrado na educação étnico-racial nos permitiu perceber que a efetivação da Lei n. 10.639/03 nos sistemas educacionais não é algo tão simples, pois a desconstrução dessa visão de escola, de currículo e de educação acarreta conflitos e questionamentos. A valorização da História e Cultura afrobrasileira e Africana é fundamental para a desconstrução da visão unificada, estereotipada e preconceituosa que se construiu desses povos ao longo da história brasileira e que insiste em continuar até os dias atuais.

Também foi possível constatar que os alunos são facilmente atraídos pelo conteúdo sobre a história dos negros e da África à medida que ouvem uma história, um poema, uma canção, um texto informativo, a leitura de um livro. Demonstrem interesse e tentam compreender a temática, já que esta subsidiará a construção do seu próprio discurso, percepção crítica do mundo em que vivem, a expressão das suas ideias e defesa dos pontos de vista de cada um deles.

Constatei que o conhecimento da História e Cultura afrobrasileira e Africana permite a valorização da identidade, que passa a ser construída em um contexto de aceitação, confrontando valores preconceituosos existentes. Portanto, reafirma que o distanciamento e a desvalorização da escola em relação ao espaço construtor da identidade dos alunos é um dos fatores mais fortes que levam ao fracasso, pois, conforme assevera Candau (2002, p. 69),

[...] a escola simplesmente reflete um processo de exclusão que é estrutural e não escolar. Dessa maneira, as causas do fracasso escolar, em última instância, estão fora da escola. A sua culpabilidade reside no fato de reproduzir as relações sociais, de omitir acerca dos processos de exclusão social, de não resistir às macroestruturas discriminatórias da sociedade²⁶.

Atualmente, a relação entre o currículo oficial, o currículo oculto e identidade cultural tem sido tema para estudos. Dessa forma, a visão sobre a função da escola tem se modificado muito. Contudo, vale a pena ressaltar e pesquisar sobre essa questão; afinal de contas, mesmo com o passar de tantos anos, a escola ainda continua sendo uma instituição social de encontros e desencontros, de choques e disputas, de ideologias. Assim, compreender a escola como um espaço sociocultural remete a várias discussões pertencentes a esse espaço, tornando, assim, um estudo merecedor de muita atenção, pois, como afirma Dayrell (1996, p. 136),

²⁶ Grifo nosso.

Analisar a escola como espaço sócio-cultural significa compreendê-la na ótica da cultura, sob um olhar mais denso, que leva em conta a dimensão do dinamismo, do fazer-se cotidiano, levando a efeito por homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, negros e brancos, adultos e adolescentes, enfim, alunos e professores, seres humanos concretos, sujeitos sociais e históricos, presentes na história, atores na história. Falar da escola como espaço sócio-cultural implica, assim, ressaltar o papel dos sujeitos na trama social que constitui, enquanto instituição.

Considerar a história, a cultura, os interesses e as experiências dos alunos parece uma utopia, porquanto as escolas regeram suas normas e leis, impondo seu padrão e ordenando que todos (sejam de onde for) se adaptem, ou melhor, entrem no padrão. Portanto, é o modelo homogêneo escolar que é reconhecido. Entretanto, o currículo oficial mostrará os objetivos, os conhecimentos válidos e legítimos que se deverá “aprender” e valorizar para se obter o “sucesso” social.

Contudo, o currículo oficial e o currículo oculto são os responsáveis por todo o disciplinamento no âmbito escolar. Destarte, responsabilizam-se também pelos choques e pela desvalorização de culturas, bem como pela padronização dos indivíduos, silenciando vários discursos para que possa unificar o padrão único para seu maior “sucesso”.

Ficamos muito satisfeitas com o trabalho realizado nessa turma de EJA. Temos certeza de que, mesmo com muita dificuldade, os alunos passaram a ter um novo olhar em relação aos negros e nunca mais irão dizer que o continente africano é um bairro de Campina Grande. E irão levar para seus lares e para onde quer que forem o legado que os negros deixaram para nós, tendo consciência de que vivemos em uma sociedade multicultural, da qual fazemos parte e, por isso mesmo, devemos só respeitar a todos.

Percebemos também que a resistência e a rejeição (inicial) pela temática por parte da professora titular da turma era fruto de preconceitos e concepções equivocadas em relação ao negro e a sua história construída ao longo da formação da nossa sociedade.

Essas atitudes nos fizeram refletir que, além do currículo oficial, o currículo oculto está presente no âmbito escolar e nele diversas ações estão presentes. Ações que ultrapassam as linhas estritas e definidas do currículo oficial, mas que contribuem para manter o estereótipo de instituição de ensino, passando a ser considerado como “[...] um conjunto daquilo que se ensina e daquilo que se aprende, tendo como referência alguma ordem de progressão, podendo referir-se para além de que está escrito/prescrito oficialmente” (FORQUIN apud SOUSA JÚNIOR; GALVÃO, 2005, p. 395).

Percebemos que quando as escolas não abordam a temática História e Cultura afrobrasileira e Africana, explicitada na Lei n. 10.639/2003, afastam de forma extraordinária as diversas culturas, proporcionando mais do que nunca o distanciamento do mundo dos “OUTROS”. Isto faz com que “o mundo se torne um lugar único, tanto do ponto de vista espacial e temporal quanto cultural [...]” (HALL, 1997, p. 18).

Quando os professores não trabalham a temática História e Cultura afrobrasileira e Africana nas escolas, estão silenciando e padronizando as culturas dentro do espaço escolar, ou até mesmo na sociedade. Destarte, percebemos a grande incoerência presente na educação. Se é uma educação para a autonomia, como as diferenças culturais são silenciadas e diluídas no padrão escolar? Como se pode ter autonomia se até a cultura é controlada, regulada ou esquecida?

Essas discussões e incoerências são boas motivações para se trabalhar e mostrar as interfaces da educação, podendo expor que a escola, a qual é um bem tão querido socialmente, pode agir como silenciadora de opiniões, de valores, ou seja, silenciadora de múltiplas culturas, através da sua organização sutil (dos currículos). Portanto, vemos que o currículo oculto articula os comportamentos, os discursos, os conflitos, as disputas, os rituais, dentro do espaço escolar. “Podemos dizer que a escola se constitui de um conjunto de tempos e espaços ritualizados. Em cada situação, há uma dimensão simbólica, que se expressa nos gestos e posturas acompanhados de sentimentos” (DAYRELL, 1996, p. 150).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“[...] Ou o Brasil do futuro será um país formado por negros e brancos e indígenas americanos, uma nação administrada em função da alocação equitativa dos recursos para cada componente sociorracial da sociedade, ou fracassara como nação”.

Carlos Moore (2008)

Aplicar o projeto de intervenção que deu origem a esse trabalho, apesar das inúmeras dificuldades enfrentadas, foi de grande proveito – para todas as partes envolvidas: pesquisadora, orientadora e nossos colaboradores (professora e alunos da turma). Pensar cada atividade, planejá-las – sempre numa perspectiva de interdisciplinaridade –, escolher material, criar ou adaptar estratégias metodológicas permitiram uma oportunidade de aprimorar e testar o conhecimento aprendido ao longo do curso.

Foi muito gratificante observar o “desabrochar” cognitivo da turma, o amadurecimento de suas visões acerca do negro, da sua história e a percepção do que de africano existe em nós. Ao ouvir os vários relatos dos alunos, muitos deles desabafos, revelando sentimentos guardados durante décadas ou, por que não dizer, uma vida inteira, oscilava entre a emoção de tristeza pela constatação do preconceito e a alegria de dever cumprido ao perceber na fala de cada um a expressão do conteúdo com eles trabalhado: outra versão da história da matriz africana, dos seus descendentes e do papel do negro na formação da nossa sociedade. O ideal seria que os alunos da EJA tivessem um trabalho voltado para essa questão o ano inteiro, de forma interdisciplinar e não apenas em 10 (dez) aulas, haja vista que à noite o tempo é curto e passa muito rápido.

Isso proporcionaria às vidas de muitos alunos um reconhecimento e pertencimento ao povo negro. Pois, infelizmente, a visão que a maioria da população brasileira tem em relação aos negros é adversa, subalterna, inferior, tratar-se-ia de povo sem história, sem heróis, sem vitórias, pessoas que nasceram para viver oprimidas. Esta imagem é reforçada e repassada pela mídia e pela própria escola, porquanto a história e cultura da sociedade africana e AFROBRASILEIRA durante muito tempo esteve ausente dos currículos escolares e, quando se falava no assunto, era de maneira superficial, abordando-o de forma distorcida, de modo a destacar apenas os seus pontos negativos.

É fundamental que os profissionais sejam habilitados a atender as demandas específicas da EJA. E, em se tratando do conteúdo de História e Cultura Africana e afrobrasileira e

Africana, é fundamental que haja formação dos professores nesta área, pois, assim, eles terão, além do conhecimento indispensável da área, autonomia e criticidade para trabalhar a temática e apontar os erros e lacunas existentes no material didático, nas metodologias e nas práticas escolares.

A falta de formação dos professores é um dos principais obstáculos para a implementação da Lei n. 10.639/03. Inclusive a docente colaboradora desconhecia a sua existência. O desconhecimento desta Lei por parte dos nossos docentes é uma questão preocupante, considerando que, em termos das diversidades de origem étnica, religiosa, sexual, de gênero, deficiências, geracionais, socioeconômicas, dentre outras, a etnicidade AFROBRASILEIRA é a mais presente em nossas escolas. Entendemos ainda que não se possa tratar sobre a formação e desenvolvimento do nosso país em âmbito econômico, histórico e cultural sem remeter à presença e à contribuição dos povos negros.

Por vezes, percebemos certa tristeza nos olhos de alguns alunos por não saberem ler e escrever. Esse trabalho nos ajudou a construir reflexões sobre qual tem sido a nossa compreensão do campo histórico, político e social que tem produzido situações como essas vivenciadas por alunos da EJA que, de forma direta e indireta, contribui para a construção de culpas individuais do processo de dificuldades no campo da aprendizagem e desenvolvimento escolar, sem considerar as multiplicidades envolvidas nesse processo.

O professor não pode se esquecer de que os alunos da EJA passam o dia todo trabalhando e, ao chegarem à sala de aula, à noite, já estão cansados. Se as aulas não forem atrativas, eles dormem, passam a faltar, evadem. Aos professores que trabalham com a modalidade EJA, sugerimos que adotem uma metodologia de trabalho dinâmica, planejada numa perspectiva interdisciplinar, sempre centrada em seus alunos, pois só assim eles não faltarão às aulas e terão desejo de participar, porque a escola passará a ser prazerosa na vida deles. A intervenção empreendida nos permitiu ter certeza disto.

Ao longo dos 03 (três) meses de desenvolvimento do projeto, percebemos que os recursos textuais e a metodologia utilizada foram úteis e significativos. Vimos que os alunos passaram a ter outro olhar em relação aos negros e à própria disciplina de História; fizemos com que eles participassem de forma espontânea, pesquisassem, falassem, argumentassem, dessem exemplos, enfim, os discentes ficaram entusiasmados.

A luta pelo reconhecimento e pela incorporação do estudo da história e da cultura da África, dos africanos e dos afro-brasileiros implica a busca de uma prática educativa que possa viabilizar a construção de uma sociedade cujo padrão de relacionamento humano seja baseado no respeito, no reconhecimento e no combate à discriminação étnicorracial.

Vale salientar que esse trabalho só foi possível dadas as ações desenvolvidas através do PIBID, o qual contribuiu em nos proporcionar a participação de forma ativa e direta no contexto escolar, através da realização de um trabalho coletivo com a professora supervisora e a professora coordenadora do subprojeto de Pedagogia, concedendo-nos a ampliação, o aprimoramento e a construção de novos conhecimentos, através dos quais pudemos unir teoria e prática, articulando as ações desenvolvidas na escola aos conhecimentos adquiridos no processo de formação inicial no curso de Pedagogia.

A proposta do PIBID é corroborar o trabalho docente, favorecendo a formação dos bolsistas e a aprendizagem dos alunos das escolas nas quais o programa está inserido. Vemos no PIBID um programa que contribui imensamente para a formação inicial do professor, devido ao seu caráter inovador de oportunizar experiências efetivas de sala de aula. Isto não seria possível se nós não estivéssemos engajadas no programa, tendo em vista que os cursos de licenciatura por si só não conseguem abranger uma carga horária de experiência em sala como o PIBID oferece.

Nossa intervenção na turma da EJA foi significativa e, acreditamos, satisfatória, pois os alunos participaram, interagiram, não dormiram na aula, mesmo cansados, escreveram, sentiram-se seres de direito, sujeitos ativos na aula. Foi um trabalho difícil, porque alguns alunos não eram alfabetizados e a maioria só sabia decodificar, sem contar que eles esquecem muito rapidamente e não tinham confiança em transmitir os conhecimentos prévios. Mas, à medida que trabalhamos e valorizamos a cultura e o saber de cada aluno da EJA, aos poucos eles foram se vendo como pessoas corajosas, guerreiras, seres humanos valorosos, portadores dos mesmos direitos que todos que compõem a sociedade.

O trabalho não terminou. Nós apenas plantamos uma semente que, se for regada, dará muitos frutos de respeito, dignidade, inclusão, cidadania e paz na vida das pessoas que formam nossa sociedade. Vale ressaltar que continuar sem inserir essa temática em nossas escolas significa persistir em negar à população negra o reconhecimento e a importância desta etnia na formação da nossa sociedade. Contar esta história e apresentar a cultura afrobrasileira e africana favorecerá o combate aos fatores que causaram profundos danos a essa população. Um deles é a auto-rejeição e a negação da sua identidade.

Esta pesquisa foi de grande relevância, pois nos permitiu conhecer mais de perto a realidade da EJA. Pudemos vivenciar e aprender muito com as pessoas que faziam parte dessa turma. Ouvimos e vemos uma realidade que, até então, era muito distante de nossa vida. Compartilhamos histórias, fizemos amizades e nos emocionamos ao ouvir algumas realidades

de pessoas honestas, que têm sonhos de viver melhor, de ter uma casa, de dar uma vida melhor para seus filhos e de ter um trabalho digno.

REFERÊNCIAS

ALUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. Concepções de alfabetização: o que ensinar no ciclo de alfabetização. . In: **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Currículo na Alfabetização: Concepções Princípios**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de apoio á Gestão Educacional, ano 01, unidade 01, 2012

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. 17. ed. Campinas/SP: Papyrus, 2010.

BRASIL. **Lei n. 9.394/ 96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 10 dez. 2014.

BRASIL. **Lei n. 10.639/03**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm>. Acesso em: 10 dez. 2014.

BRASIL. **Educação para jovens e adultos: ensino fundamental/proposta curricular para o 1º seguimento**. 4. ed. Brasília/DF: MEC/SEF, 2001. p. 184-190.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura AFROBRASILEIRA e Africana**. Brasília/DF. Out. 2004.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade cultural, orientação sexual**. Brasília/DF: MEC/SEF, 1997. v.10.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura AFROBRASILEIRA e Africana**. Brasília/DF: MEC, [s.d.]. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/>>. Acesso em: 10 dez. 2014.

BAUER, Carlos. **Educação, terra e liberdade: princípios educacionais do MST em perspectiva histórica**. São Paulo: Xamã, 2008.

BRANDÃO, Carlos R. Da educação fundamental ao fundamental da educação. **REVEJ@_Revista da Educação de Jovens e Adultos**, v. 2, n. 2, Belo Horizonte: UFMG/

Faculdade de Educação, ago. 2008. Disponível em: <www.reveja.com.br>. Acesso em: 10 dez. 2014.

CANDAU, Maria Vera. Multiculturalismo e educação: a construção de uma perspectiva. In: _____. **Sociedade, educação e cultura**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisas qualitativas em Ciências Humanas Sociais**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2006.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. In: _____ (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996. p. 136-161.

FRANCO, Maria. Pedagogia da Pesquisação. [http://www.Rev.educacao e pesquisa](http://www.Rev.educacao_e_pesquisa), São Paulo, v. 31, n.3, p. 483-502, se.t/dez. 2005.

FREIRE, Paulo; FAUNEZ, Antônio. **Por uma pedagogia da pergunta**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

_____. **Política e educação: ensaios**. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 33. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HADDAD, Sergio (Coord.) **Educação de Jovens e Adultos no Brasil (1986-1998)**. Brasília/DF: MEC/Inep/Comped, 2002.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre revoluções culturais de nosso tempo. **Educação & Realidade**, v. 2, n. 22, p. 15-46, jul./dez. 1997.

LUDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MACHADO, M. M. A educação de Jovens e Adultos no Brasil após a Lei 9304/96: possibilidade de constituir-se como política pública. **EM aberto**, Brasília, v.22, n. 82, p. 17-30, nov. 2009. Disponível em: <http://www.oei.es/pdf2/em_aberto82.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2014.

MATTOS, Regiane Augusto. **História e Cultura Afro-Brasileira**. São Paulo: Contexto, 2009.

MALHEIROS, Bruno Taranto. Coleta de Dados Qualitativos. In: _____. **Metodologia da pesquisa em educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

MOORE, Carlos. **A África que incomoda**: sobre a problematização do legado africano no cotidiano brasileiro. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

MOREIRA, Antonio Flávio B.; CANDAU, Vera M. Currículo, conhecimento e cultura. In: BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra D.; NASCIMENTO, Aricélia R. do. **Indagações sobre currículo**. Brasília/DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/indag.pdf>>. Acesso em: 17 jul. 2014.

MOREIRA, Herivelton; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. Brasília/DF: MEC, 1999.

PAIVA, Jane. **Educação de Jovens e Adultos: direitos, concepções e sentidos**. 2005. 480f. Tese (Doutorado em Educação). UFF/Faculdade de Educação, Niterói/RJ.

PENHA, Márcia Maria de Jesus. O negro na literatura. In: OLIVEIRA, Iolanda de; GONÇALVES, Maria das Graças; MULLER, Tânia Mara Pedro (Orgs). **Cadernos Penesb: Período do programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: FEUFF, 2010.

SACRISTÀN, José Gimeno. A escolarização transforma-se em uma característica antropológica das sociedades complexas. In: _____. **A educação obrigatória**. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 35-55.

SARTORI, Jerônimo. Formação de professores: conexões entre saberes da universidade e fazeres na educação básica. ENCONTRO INSTITUCIONAL DO PIBID UFRGS, 2. **Anais...** Porto Alegre, mar. 2011. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/prograd/pibid/anais-do-evento/salas-de>>

[debate/Formacao%20de%20professores_conexoes%20entre%20saberes%20da%20universidade%20e%20fazer%20na%20educacao%20basica.pdf](#) >. Acesso em: 17 jul. 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Currículo e cultura como práticas de significação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000. p. 3-25.

SILVA, Ana Célia, **Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático**. Salvador: Eduefa, 2010.

SOARES, Leôncio José Gomes. **Diretrizes Curriculares Nacionais / Educação de Jovens e Adultos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SOUZA JÚNIOR, Marcílio; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. História das disciplinas escolares e história da educação: algumas reflexões. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 391-408, set./dez. 2005.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Culturas e Currículo**. Texto apresentado no curso de extensão Teoria e Prática da Avaliação Escolar, promovido pela UFRGS, para o Conselho de Diretores das Escolas Agrotécnicas Federais, na EAF de Sertão, 1995.

APÊNDICES

APÊNDICE A

PROJETO DE INTERVENÇÃO

TEMA: HISTÓRIA UM ELEMENTO DE CONHECIMENTO TRABALHANDO HERANÇA CULTURAL AFRICANA

JUSTIFICATIVA

O objetivo do projeto foi inserir a temática História e Cultura AFROBRASILEIRA e Africana em uma turma de Educação de Jovens e Adultos – EJA. Com intuito de formar sujeitos capazes de reconhecer a legitimidade do outro, que é algo que ultrapassa as fronteiras do mero respeito a diversidade, é a problematizarão para a reeducação e eliminação de todas as formas de discriminação e redução as desigualdades sociais.

A temática História e Cultura AFROBRASILEIRA e Africana foi escolhida para realização deste trabalho pedagógico, pois visa romper com essas construções negativas em torno dos negros e afirmar a cultura e história desses povos a partir de outro ponto de vista, diferente da visão eurocêntrica. Ao introduzir a discussão sistemática da temática da História e Cultura AFROBRASILEIRA e Africana nas práticas educativas de uma escola municipal estará contribuindo para o respeito e o reconhecimento à diversidade étnico-racial presente em nossa sociedade e favorecendo novas concepções de se pensar a história e cultura da população negra.

Para realização desse projeto fizemos um planejamento básico, primeiro foi feito o levantamento bibliográfico sobre a temática trabalhada, selecionamos o material relevante, realizamos leitura, análise e fichamento do material escolhido. Decorrendo por essa perspectiva, este trabalho apresenta em seu Referencial Teórico, com foco no ponto de vista de alguns teóricos e teóricas que destacam a importância da Lei n. 10.639/2003, que diz que é obrigatório o ensino da História e Cultura AFROBRASILEIRA e Africana nas escolas.

PÚBLICO ALVO: Alunos do 2º Ciclo da EJA.

OBJETIVO GERAL

- ✓ Inserir a temática História e Cultura AFROBRASILEIRA e Africana em uma turma de Educação de Jovens e Adultos – EJA.

OBJETIVOS ESPECIFICOS

- ✓ Observar como a inserção da temática História e Cultura AFROBRASILEIRA e Africana contribuiu para desconstrução dos estereótipos e preconceitos,
- ✓ Analisar como a inserção da temática História e Cultura AFROBRASILEIRA e Africana contribuiu para alunos da EJA tivessem um novo olhar relação aos negros,
- ✓ Compreender como uma escola municipal de Campina Grande esta preparando os alunos da EJA para conviver em nossa sociedade multicultural.

ÁREAS DO CONHECIMENTO

- História;
- Arte;
- Língua Portuguesa;
- Sociedade e Cultura;
- Ética;
- Pluralidade Cultural.
- Geografia;

METODOLOGIA

Este projeto pedagógico será realizado por meio de texto informativo, exposição de filmes, aulas expositivas, leitura e releitura sobre a temática, escrita e reescrita, socialização e discussão em cada fase do projeto, entre outros.

AVALIAÇÃO

Será somativa e formativa diante das áreas do conhecimento abordadas neste trabalho pedagógico, bem como pela participação individual ou coletiva do aluno, a criatividade, o respeito às diferenças e diversidades durante todo o processo de aprendizagem.

TEMPO PREVISTO: 10 Aulas.

CULMINÂNCIA

Socialização das atividades produzidas pelos alunos para a família e comunidade escolar.

ATIVIDADES PROGRAMADAS

1ª AULA- Identidade: quem sou eu?

2ª AULA-A presença africana no Brasil.

3ª AULA- O Continente Africano: aspectos gerais: econômico, políticos, históricos e culturais.

4ª AULA-A Diáspora africana - A vinda do negro para o Brasil

5ª AULA-O trabalho dos negros no Brasil

6ª AULA-Diversidade Cultural

7ª AULAS - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura AFROBRASILEIRA e Africana.

8ª AULA- Inclusão Social.

9ª AULA - Uma gincana ortográfica com palavras de hábitos e costumes africanos que utilizamos no dia a dia.

10ª AULA: Foi aplicado um questionário para fazer uma sondagem da turma para sabermos qual foi o rendimento da turma em relação a temática trabalhada História e Cultura AFROBRASILEIRA e Africana.

APÊNDICE B

ATIVIDADE DESENVOLVIDA COM A TURMA: GINCANA ORTOGRÁFICA - PALAVRAS DE ORIGEM AFRICANA²⁷

LETRA A

Abadá - Túnica folgada e comprida; atualmente no Brasil, é o nome dado a uma camisa ou camiseta usada pelos integrantes dos blocos e trios elétricos carnavalescos.

Abará – Quitute semelhante ao acarajé, cujos bolinhos são envolvidos em folhas de A

Acarajé – Bolinho feito de massa de feijão-fradinho frito no azeite de dendê e servido com camarões secos.

Afoxé – Dança semelhante a um cortejo real, que desfila durante o carnaval em cerimônias religiosas.

Agogô – Instrumento musical formado por duas campânulas ocas de ferro.

Aluá – Bebida feita de milho, arroz cozido ou com cascas de abacaxi.

Angola – Nome dado a uma das mais conhecidas modalidades do jogo de capoeira e, também, a um dos cinco países africanos de língua portuguesa.

Angú – Massa de farinha de milho ou mandioca; angú-de-carço; coisa complicada.

Azoeira – Barulhada, zoeira, bagunça.

Axé – Saudação; força vital e espiritual.

LETRA B

Babá – Ama-seca; pessoa que cuida de crianças em geral; pai-de-santo; a origem é controversa sendo, para alguns estudiosos originária do quimbundo, e para outros do idioma iorubá.

Babaca – Tolo; boboca.

Bagunça – Baderna, desordem.

Balangandãs – Enfeites, originalmente de prata ou de ouro, usados em dias de festa.

Bancar – Fazer o papel de; fazer-se de.

²⁷Disponível em:< <http://www.nossalingua.net.br/curiosidades/379/palavras-de-origem-africana>>. Acesso em: 11 set. 2014.

Bambambã ou Bamba – Maioral, bom em quase tudo o que faz.

Bamberê – Cantiga de ninar entoada por negras velhas da Região Amazônica.

Bambolê – Aro de plástico ou metal usado como brinquedo.

Banguela – Desdentado; os escravos trazidos do porto de Benguela, em Angola, costumavam limar ou arrancar os dentes superiores.

Bantos – Povos trazidos do sul da África, principalmente de Angola e Moçambique, que espalharam sua cultura, idiomas e modos.

Banzé – Confusão.

Banzo – Tristeza fatal que abatia os escravizados com saudades de sua terra natal.

Baobá – Árvore de tronco enorme, reverenciada por seus poderes mágicos.

Batuque – Dança com sapateado e palmas, ao som de instrumentos de percussão. É uma variante das rodas de capoeira praticada pelos negros trazidos de Angola para o interior da Bahia. No sul do Brasil, é sinônimo de rituais religiosos e, no interior do Pará, é uma espécie de samba.

Berimbau – Instrumento musical, composto de um arco de madeira com uma corda de arame vibrada por uma vareta, tendo uma cabaça oca como caixa de ressonância.

Birita – Cachaça; gole de cachaça.

Bitelo – Grande; de tamanho exagerado.

Bobó – Um tipo de purê feito de aipim ou inhame.

Boca-de-Pito – Pitada; tragada em cigarro, charuto ou cachimbo; disposição para fumar provocada pela ingestão de café ou bebida alcoólica.

Bolor – Vegetação que provoca decomposição em matérias orgânicas.

Bomba – Certo doce de forma cilíndrica ou esférica feito de massa cozida e glaçado na parte superior.

Borocoxô – Molenga. Entristecido.

Bruaca - Espécie de mala ou sacola que se levava no lombo de animais.

Bugiganga – Objeto de pouco ou nenhum valor ou utilidade.

Bunda – Nádegas, na língua falada pelos Bundos de Angola.

Búzios – Conchas marinhas usadas antigamente na África como moedas e, em nossos dias, em cerimônias religiosas e em jogos de previsão.

LETRA C

Caçamba – balde para tirar água de um poço; local onde se depositam detritos.

Cachaça – Bebida alcoólica; pinga; durante muito tempo, os negros escravizados, banhados em suor, giravam manualmente as rodas dos engenhos de açúcar e, do vapor originário da fervura do caldo da cana, escorria pela parede e pingava do teto (daí o porque o nome “pinga”) a bebida de sabor clássico, que ardia nos olhos e foi batizada de “pinga”.

Cachimbo – Tubo de fumar, com um lugar escavado na ponta para se colocar o tabaco.

Cacimba – Poço ao ar livre, onde se retém a água da chuva para diversas finalidades.

Caçula – O mais novo.

Cacunda – Corcunda; corcova; costas.

Cafofo – Lugar que serve para guardar objetos usados; nos dias atuais, serve também para designar moradia pequena, mas aconchegante.

Cafuá – Esconderijo; casebre.

Cafundó – Lugar distante e isolado.

Cafuné – Coçar a cabeça de alguém. Fazer um carinho.

Cafungar – Fungar; aspirar pelo nariz; cheirar; fuçar; farejar; focinhar; procurar minuciosamente.

Cafuzo – Mestiço de negro e índio.

Calango – Tipo de lagarto do sertão; dança afro-brasileira.

Calombo – Inchaço.

Calunga – O mar; boneca carregada pelas damas do paço nos desfiles de reis erainhas dos Maracatús de nação em Pernambuco; símbolo da realeza e do poder dos ancestrais.

Camundongo – Rato pequenino.

Candomblé – Casas ou terreiros de diferentes nações – Angola, Congo, Jêje, Nagô, Ketu e Ijexá – onde são praticados os rituais trazidos da África. Esses cultos são dirigidos por um Babalorixá (pai-de-santo) ou por uma Ialorixá (mãe-de-santo). Um dos mais tradicionais é o de Gantois, em Salvador, na Bahia. No passado, o candomblé foi muito perseguido.

Canga – Tecido com que se envolve o corpo. Peça de madeira colocada no lombo dos animais.

Canjica – Papa de milho.

Capanga – Guarda-costas; bolsa pequena que se leva a tiracolo.

Capenga – Manco; com andar de bêbado.

Capoeira – Jogo de corpo, agilidade e arte, que usa técnicas de ataque e de defesa com os pés e as mãos. As rodas são acompanhadas por palmas, pandeiros, chocalhos, berimbaus e cânticos de marcação.

Carimbo – Marca; sinal.

Carimbó – Tipo de dança AFROBRASILEIRA originária da região norte do Brasil.

Carurú – Iguaria da culinária afro-brasileira, feita com folhas, quiabos e camarões secos.

Catimba – Manha; astúcia.

Catinga – Fedor; mau cheiro.

Catita – Pequeno, baixo, miúdo. No nordeste, é o nome dado a um ratinho novo.

Catupé – Cortejo afro-mineiro. As fardas de seus integrantes são enfeitadas de fitas, sendo que dançam e cantam acompanhados por instrumentos de percussão.

Caxambú – Dança e nome de um tambor grande. ...Vamos todos na dança do Caxambú, saravá a todos saravá...(Almir Guineto)

Caxangá – Jogo praticado em círculo. Os versos de uma velha cantiga baseada nessa brincadeira, são bem populares. (Escravos de Jó, jogavam caxangá....)

Caxixí – Chocalho pequeno feito de palha.

Caxumba – Inflamação das glândulas salivares.

Cazumbí – Alma penada.

Chilique – Desmaio. Ataque de nervos. “Ter um troço”.

Cochilar – Breve soneca. Sono leve.

Congadas ou Congos – Danças dramáticas com enredo e personagens característicos, como reis, rainhas, príncipes, princesas, embaixadores, chefes de guerra e guerreiros que se despedem no final das apresentações cantando: “quem tiver mulher e filho se despeça....Adeus que eu já me vou...”

Coque – Bater na cabeça de alguém com o nó dos dedos. Tipo de penteado onde o cabelo é todo preso num arranjo único no alto da cabeça; há uma corrente que acredita ser o nome proveniente do inglês “cock”, que significa galo, e outra que associa o nome a barulho que é feito e também ao “galo” na cabeça.

Cubata – Palhoça.

Cuíca – Instrumento musical que emite um ronco peculiar.

LETRA D

Dendê – Fruto da palmeira, de onde é extraído o azeite.

Dengo – Gesto de carinho

Dengoso – Chorão; manhoso; enfeitado; deslambido; faceiro.

Diamba – Um tipo de erva alucinógena. **Ebó** – Oferenda feita aos orixás para resolver os mais diferentes desejos e problemas.

LETRA E

Embalar – Acalentar; balançar; fazer adormecer.

Empacar – Não continuar. Não prosseguir. Diz-se quando o animal firma teimosamente as patas para não prosseguir viagem.

Encabular – Envergonhar-se. Ficar vexado por algum motivo.

Engabelar – Enganar. Iludir jeitosamente. Trapacear. Engodo. Embuste.

Escangalhar – Desordem. Confusão. Desmantelo. Dano causado por estrago.

Espandogado – Desajeitado. Defeituoso. Arruinado. Desarrumado. Relaxado. Descomedido. Arreliado.

LETRA F

Fofoca – Intriga. Mexerico

Fuá – Briga. Rolo. Desordem. Intriga. Catinga. Cheiro desagradável. Diz-se também do equino arisco.

Fuleiro – Reles. Ordinário. Sem Valor. Farrista.

Fulo – Irritado. Zangado. Nervoso.

Fungar – Fazer ruído com o nariz ao inspirar o ar. Assoar o nariz. Coriza na fossa nasal. Fuçar.

Furduncio – Também pronunciado e escrito como “Forduncio”, significa festança popular. Divertir-se com alarido. Barulho. Desordem.

Futum – Mau cheiro. Fedor. Peixe morto na superfície da água.

Fuxico – Falar mal dos outros. Artesanato popular feito com pedaços de panos. Costurar superficialmente. Alinhar. Amarrotar.

Fuzarca – Farra. Desordem. Bagunça.

Fuzuê – Festa. Confusão. Turbilhão nas águas de um rio.

LETRA G

- Gambé** – Designação de um policial na gíria dos travestis, menores e delinquentes em geral.
- Gandaia** – Farra. Bagunça. Vadiagem. Ofício de trapeiro. Pessoa sem préstimo. Inerte.
- Ganzá** – Espécie de chocalho.
- Garapa** – Caldo da cana. Bebida formada pela mistura de mel-açúcar-água.
- Geringonça** – Coisa malfeita e de duração precária. Objeto ou coisa estranhos cujo nome e finalidade não se conhece.
- Ginga** – Bamboleio. Balanço com o corpo. Dançar com o corpo ao som de uma música ou instrumento. Movimento corporal na capoeira, na dança e no futebol. Sacerdotizado culto Omolocô. Remo que se usa para fazer a embarcação balançar.
- Gogó** – Pomo-de-Adão. Garganta. Laringe
- Gororoba** – Comida malfeita. Comida feita com restos de diversos alimentos. Diz-se também do indivíduo lento, molengão ou covarde.
- Guimba** – Parte que resta do cigarro ou charuto depois de fumados.

LETRA H

Hã – Interjeição de surpresa, espanto ou de admiração entre os Iorubás. Manifestação de incompreensão. Não entendimento.

LETRA I

- Iaiá** – Tratamento dado às moças e meninas na época da escravidão. Na Luanda antiga, era o tratamento respeitoso que as filhas e netas dos escravos davam às patroas.
- Impala** – Espécie de antílope africano. O nome batizou também um modelo de automóvel da Chevrolet.
- Implicar** – Provocar. Amolar. Intrometer. Contender.
- Inhame** – Designação comum de um tipo de tubérculo comestível menor que a mandioca; homem de corpo defeituoso. Coisa ou objeto disforme ou deformada.

LETRA J

- Jabá** – Suborno oferecido a programador de emissora de rádio ou televisão para que inclua na programação determinada obra musical. Certo tipo de abóbora.
- Jabaculé** – Gorgeta. Propina. Dinheiro.
- Jagunço** – Capanga. Combatente das forças de Antonio Conselheiro na Guerra de Canudos. Cangaceiro.
- Jererê** – Nome dado ao cigarro de maconha. Faisca. Centelha.
- Jiló** – Fruto do jiloeiro.
- Jongo** – Dança tradicional afro-brasileira.

LETRA L

Lambada – Golpe dado com o chicote, tabica ou rebenque. Copo ou gole de bebida alcoólica. Dança de salão de origem amazônica. Significa bater, castigar, ferir, atingir com golpe ou pancada.

Lambança – Desordem. Sujeira. Serviço malfeito. Embuste. Trapaça em conversa ou jogo.

Lambão – Indivíduo que não sabe lidar com as coisas sem sujar-se.

Lambuja – Vantagem que um jogador concede ao parceiro ou rival. Aquilo que se ganha ou dá além do combinado.

Lapada – Lambada. Bofetada. Espécie de pá semelhante ao remo.

Larica – Apetite desenfreado após a ingestão da maconha. Dificuldade. Aperto. Apuro.

Lenga-lenga – Conversa, narrativa ou discurso enfadonho.

Lero-lero – Conversa fiada. Palavreado vazio.

LETRA M

Maculelê - Folgado popular de origem baiana, misto de jogo de dança com bastões ou facões.

Macumba – Nome pejorativo dado aos cultos afro-brasileiros. Audaz. Ousado. Certo tipo de reco-reco. Cada uma das filhas de santo nos terreiros de origem Banta. Antigo jogo de azar. Antiga denominação que se dava à maconha.

Maluco – Alienado mental. Endoidecido.

Mangar - Zombar. Caçoar.

Mangue – Comunidade geográfica localizada em áreas onde o solo é formado por uma lama escura e mole. Terreno lamacento.

Mamona – Fruto da família das esforbiáceas. Rícino.

Mamulengo – Fantoche. Teatro de fantoches.

Mandinga – Bruxaria. Feitiço. Talismã. Qualidade de jogo de capoeira.

Mandraque – Bruxaria. Feitiçaria. Mandinga.

Manha – Choro infantil sem causa. Birra. Malícia. Ardil. Artimanha. Habilidade manual.

Maracatú – Certo tipo de dança afro-brasileira. Em Recife/PE, os maracatus de nação representam embaixadas africanas com todo o séquito real.

Maracutaia – Trapaça. Embuste. Engodo. Golpe.

Marafa (o) – Vida desregrada. Licenciosa. Cachaça. Vinho. Diz-se também do tipo de vida, por exemplo: “Viver na marafa...”, viver entregue ao vício da bebida e da vadiagem.

Mano – Tratamento respeitoso entre os antigos sambistas cariocas (“Mano” Elói, “mano” Décio etc.). Irmão.

Marimbondo – Certo tipo de vespa.

Matuto – Indivíduo que vive no mato. Na roça. Pessoa ignorante e ingênua.

Maxixe – Fruto do maxixeiro. Certo tipo de chuchu espinhoso. Dança brasileira de salão.

Miçanga – Conta de vidro miúda. Ornatos feitos com esse tipo de conta. Colar. Rosário.

Milonga – Desculpas descabidas. Manhas. Dengues. Mexericos. Intrigas. Feitiço. Sortilégio. Bruxedo. Música e dança de origem platina.

Mingau – Papa de farinha de cereais com leite, açúcar e outros ingredientes. Em língua oeste-africana, era um tipo de milho cozido em água e sal. Na linguagem Banta, é o ato de molhar o pão no pirão ou molho.

Mochila – Alforge. Bernal que se leva às costas.

Mocambo – Cabana. Palhoça. Habitação miserável. Couto de escravos fugidos na floresta.

Mocorongo – Mulato escuro. Caipira. Indivíduo natural de Santarém/PA. Palhaço da folia de reis. Mosquito transmissor do impaludismo.

Mocotó – Pata de bovino utilizada como alimento. Tornozelo.

Molambo – Trapo. Pano velho rasgado ou sujo. Roupa esfarrapada. Indivíduo fraco e sem caráter. Corpo velho, cansado, moído.

Molenga – Mole. Indolente. Preguiçoso. Medroso e covarde.

Moleque – Negrinho. Indivíduo irresponsável. Canalha. Patife.

Moqueca – Guisado de carne ou peixe tradicional da culinária afro-brasileira.

Moringa – Garrafão ou bilha de barro para conter e refrescar água potável. Cântaro.

Muamba – Cesto ou canastra para transporte de mercadorias. Furto de mercadorias nos portos. Contrabando. Negócio escuso.

Mucama – Escrava doméstica. Concubina. Escrava que era amante do seu senhor.

Mondongo – Indivíduo sujo e desmazelado. Boneco de pano sem governo.

Mongo – Sujeito bobo. Moleirão. Débil mental.

Mutreta – Trapaça. Confusão.

Muxiba – Pelanca. Pedações de carne magra. Retalhos de carne que se dá aos cães. Mulher feia. Bruxa. Seios flácidos de mulher.

Muquifo – Lugar sujo e em desordem. Palavra ligada ao Kicongo, significa também latrina. Casebre. Choupana

Muvuca – Confusão. Algazarra.

LETRA N

Nenê – Criança recém-nascida ou de poucos meses. Provém do Umbundo “nene”, que quer dizer pedacinho, cisco.

LETRA O

Odara – Bom. Bonito. Limpo. Branco. Alvo.

LETRA P

Pamonha – Certo tipo de iguaria derivada do milho. Diz-se também da pessoa molenga. Inerte. Desajeitada. Preguiçosa. Lenta.

Patota – Turma. Grupo.

Pendenga – Litígio. Rixa. Contenda.

Perrengue – Dificuldade ou aperto financeiro. Diz-se também da pessoa fraca. Covarde. Animal imprestável.

Pimba - Pênis de menino

Pindaíba – Falta de dinheiro. Miséria feia.

Pinga – Aguardente extraída do caldo da cana.

Pirão – Papa grossa de farinha de mandioca.

Pito – Cachimbo. Cigarro. Repreensão. Censura. Dar bronca.

Pitoco – Objeto ou utensílio o qual já falta uma parte essencial. Parte amputada ou a restante no corpo humano.

Putá – Gen. Elemento utilizado para qualificar algo ou alguém como grande ou excelente: Exemplos: “Um puta homem”, “Uma puta casa”; Originário do Quicongo “mbuta” que significa notável, melhor. Também significa a forma apocopada de prostituta.

LETRA Q

Quenga – Guisado de quiabo com galinha. Mulher prostituída. Meretriz.

Quengo – Cabeça. Região próxima da nuca.

Quilombo – Aldeamento de escravos fugidos. Folguedo popular alagoano em forma de dança dramática.

Quindim – Doce feito com a gema do ovo, coco e açúcar. Na Bahia significa também meiguice, dengo, encanto, carinho.

Quitute – Iguaria. Acepipe. Canapé.

Quizila – Ojeriza. Aversão. Implicância.

Quizumba – Confusão. Briga.

Requenguela – Engelhado. Encolhido. Tímido. Fraco. Sem substância.

LETRA S

Samba – Nome genérico de um ritmo de dança afro-brasileiro.

Sarapatel – Guisado feito com sangue e miúdos de certos animais, especialmente oporco.

Sarará – Alourado. Arruivado.

Saravá - Palavra usada como saudação nos cultos afro-brasileiros, significa “salve”.

Sapeca – Diz-se de moça muito namoradeira ou assanhada. Diz-se também dacriança muito arteira.

Serelepe – Vivo. Buliçoso. Astuto. Esperto.

Songamonga – Pessoa dissimulada. Sonsa. Débil. Boba.

Sova – Dar pancadas com a mão. Espancar.

LETRA T

Tagarela – Pessoa que fala muito e à toa.

Tango – Dança argentina popularizada no Brasil, proveniente do espanhol “tango” e do Kimbundo “tangu” (pernada), que era uma forma de bailado de negros ao som de tambores e outros instrumentos.

Trambique – Negócio fraudulento. Vigarice. Logro.

Tribufú – Maltrapilho. Negro feio.

Tu – Diz-se do negro tido como sendo bruto. Boçal. Grosseiro. Oposto ao negro bom e

passivo; “...Este samba/que é misto de maracatú/é samba de preto velho/ samba de preto TÚ...”; Pode ser também uma redução de Bantú.

Tunda – Surra. Sova. Crítica severa.

Tutano – Substância mole e gordurosa no interior dos ossos.

Tutú – Maioral. Manda-chuva. Indivíduo valente e brigão. Feijão cozido e refogado ao qual se vai adicionando farinha até dar a consistência de pirão. Dinheiro. Grana.Suborno.

LETRA U

Urucubaca – Azar. Má sorte. Diz-se também de uma praga rogada por pessoa inimiga.

LETRA X

Xará – Pessoa que tem o mesmo nome que outra.

Xepa - As últimas mercadorias vendidas nas feiras livres, mais baratas e de qualidade inferior. Sobras. Coisa inferior.

Xodó – Amor. Sentimento profundo que se demonstra por algo ou alguém. Carinho.

LETRA Z

Zabumba – Tambor grande. Bumbo.

Zangar – Causar zanga (de zangado). Mau humor. Birra. Irritação. Diz-se também de coisa estragada ou azeda.

Zanjar – Andar à toa. Sem destino.

Ziquizira – Doença ou mal-estar cujo nome não se conhece.

Zoeira – Conhece-se também por Azueira. Algazarra. Falatório.

Zombar – Tratar com descaso. Escarnecer. Gracejar.

Zunzum – Boatos. Cochichos. Mexericos.

APÊNDICE C

ORGANIZAÇÃO DA TURMA

FIGURA 02: Organização da turma na sala *antes* da intervenção do projeto.



Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

FIGURA 03: Organização da turma na sala *depois* da intervenção do projeto.



APÊNDICE D

ATIVIDADE DESENVOLVIDA COM A TURMA: O CONTINENTE AFRICANO

FIGURA 04: Aula expositiva sobre o continente africano.



Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

APÊNDICE E

ATIVIDADE DESENVOLVIDA COM A TURMA: A DIÁSPORA AFRICANA

FIGURA 05: Projeção do filme *Amistad*.



Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

APÊNDICE F**ATIVIDADE DESENVOLVIDA COM A TURMA: OS NEGROS NO BRASIL**

FIGURA 06: Aula expositiva sobre a presença dos negros no Brasil.



Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

APÊNDICE G

ATIVIDADE DESENVOLVIDA COM A TURMA: INCLUSÃO SOCIAL

FIGURA 07: Acompanhamento individual e participação dos alunos no projeto de intervenção.



Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

ANEXOS

ANEXO A

REGISTRO VISUAL DA PESQUISA DE CAMPO

FIGURA 08: Escrita de alguns alunos depois do estudo da História e Cultura da África.



Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

ANEXO B**REGISTRO VISUAL DA PESQUISA DE CAMPO**

FIGURA 09: Desenhos de alguns alunos representando Zumbi dos Palmares.



Fonte: Acervo particular da pesquisadora.

ANEXO C:

**RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO DE TRÊS (03) ALUNOS DA
EJA ANTES E DEPOIS DA INTERVENÇÃO DO PROJETO**

1- Qual sua cor?

Marema.....

2- Qual bairro em que você morra?

Presidente meldezes.....

3- Qual é sua idade?

65.....

4- Você trabalha? Se sua resposta foi sim, em que?

Sim, servante de pedreira.....

5- Você tem casa própria? Quantas pessoas morram com você?

Sim, 6 pessoas.....

6- O que você sabe sobre os negros?

Pessoas que sabem discriminações.....

7- Qual a herança que os negros nos deixou que estar presente até os dias de hoje?

Não se lembra.....

1- Qual sua cor?

negra

2- Qual bairro em que você mora?

Presidente Médice

3- Qual é sua idade?

65 anos

4- Você trabalha? Se sua resposta foi sim, em que?

Sim, sou servante de pedreiros

5- Você tem casa própria? Quantas pessoas moram com você?

Sim, 8 pessoas

6- O que você sabe sobre os negros?

São pessoas que foram trazidos da África, foram escravizados, mas venceram e ainda hoje vence o preconceito.

7- Qual a herança que os negros nos deixou que está presente até os dias de hoje?

Nos deixou várias riquezas: comidas, gíria de falar, música, dança, a dança em fim. Tudo que temos mas lembramos aos negros.

Questionário

1- Qual sua cor?

.....*branco*.....

2- Qual bairro em que você mora?

.....*dejeira*.....

3- Qual é sua idade?

.....*15*.....

4- Você trabalha? Se sua resposta foi sim, em que?

.....*sim, lá*.....

5- Você tem casa própria? Quantas pessoas morram com você?

.....*não 3 pessoas*.....

6- O que você sabe sobre os negros?

.....*não sei*.....

7- Qual a herança que os negros nos deixou que estar presente até os dias de hoje?

.....*não sei*.....

8- O que é a África?

É um continente que tem muita coisa, é bonita

9- Por que você desistiu de estudar?

Por que não entendi nada
fui com amigos

10- Por que você voltou a estudar?

Porque queria estudar para ser uma
linda artista

11- Você tem interesse em estudar sobre a História e cultura Afrobrasileira e Africana? Por quê?

Sim, porque eu quero saber mais
sobre a cultura afro-brasileira

Questionário

1- Qual sua cor?

..... negra

2- Qual bairro em que você mora?

..... ougeiro

3- Qual é sua idade?

..... 15 anos

4- Você trabalha? Se sua resposta foi sim, em que?

..... Sim, so labó

5- Você tem casa própria? Quantas pessoas moram com você?

..... não, 3 pessoas

6- O que você sabe sobre os negros?

..... tem pessoas que tratam os negros de modo
..... para não para queixar

.....
.....

7- Qual a herança que os negros nos deixou que está presente até os dias de hoje?

..... cultura, dança, música etc.

.....
.....

8- O que é a África?

É o maior de continentes grande

9- Por que você desistiu de estudar?

Por que não aprendia nada,
ficava com vergonha

10- Por que você voltou a estudar?

Por que queria melhorar

11- Você tem interesse em estudar sobre a História e cultura Afrobrasileira e Africana? Por quê?

Sim, por que eu vou aprender mais

Questionário

1- Qual sua cor?

Branca

2- Qual bairro em que você morra?

Silvado

3- Qual é sua idade?

34 anos

4- Você trabalha? Se sua resposta foi sim, em que?

sim, vende livros

5- Você tem casa própria? Quantas pessoas morram com você?

Não, 5 pessoas que moram na casa

6- O que você sabe sobre os negros?

Nada

7- Qual a herança que os negros nos deixou que estar presente até os dias de hoje?

Por tempo que eu estudo
mas lembro

8- O que é a África?

Seu tempo que eu estudei
não lembro.

9- Por que você desistiu de estudar?

Por que precisei trabalhar para
sustentar meus filhos

10- Por que você voltou a estudar?

Por que quero ler e escrever
melhor para arrumar um
bom emprego

11- Você tem interesse em estudar sobre a História e cultura Afrobrasileira e
Africana? Por quê?

Sim, por que sempre é bom
aprender mais

Questionário

1- Qual sua cor?

.....
Negra.

2- Qual bairro em que você morra?

.....
Lilbudade.

3- Qual é sua idade?

.....
34 anos.

4- Você trabalha? Se sua resposta foi sim, em que?

.....
Sim, vende loja.

5- Você tem casa própria? Quantas pessoas morram com você?

.....
Não, 5 pessoas.

6- O que você sabe sobre os negros?

.....
São aqueles que subseriram no Brasil e foram trazidos da África.

7- Qual a herança que os negros nos deixou que estar presente até os dias de hoje?

.....
Deixou o seu histórico, sua cultura, beleza, a força de trabalho e a música.

8- O que é a África?

É um continente rico e que
tem também países como o Brasil.

9- Por que você desistiu de estudar?

Por que precisei trabalhar para
sustentar minha casa.

10- Por que você voltou a estudar?

Por que eu quero aprender mais
a ler e escrever melhor e quero
arrumar um emprego melhor.

11- Você tem interesse em estudar sobre a História e cultura Afrobrasileira e Africana? Por quê?

Sim, por que eu quero e
quero aprender sobre minha
história.

ANEXO D

ESCRITA DE TRÊS (03) ALUNOS SOBRE O QUE ELES SABIAM
SOBRE OS NEGROS E A ÁFRICA E O QUE SABEM HOJE

Como fazia muita tempo
 que eu tinha estudado
 não lembrava muita coisa,
 mais hoje eu sei que
 foram africanos que foram
 trazidos para o Brasil
 sabiam muita mais
 resistiram e venceram
 mas deixam uma herança
 enorme, a alma e um continente,
 rico e que tem muitas
 belezas é a África como
 o Brasil.

O que eu sabia so melhor na A
pobre misera quinze pessoas que
hoje eu sei que os negros fazem
do para o Brasil e aqui foram
eles trouxeram uma festa, cultura

— Eu não lembrava este muito
Cobres mais hoje eu sei que fora
homens e mulheres que sofreram
muito mais que venceram a
situação: provável que hoje eu esteja
qui, eu tenho orgulho de ser na
a África e muito rico e bonito.
